



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPG-LETRAS)
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS
LINHA DE PESQUISA: TEORIA, CRÍTICA E COMPARATISMO

MILTON CÁSSIO ANDRADE DO PRADO

**LEITURA E HUMANIZAÇÃO: O LETRAMENTO LITERÁRIO EM
UMA ABORDAGEM CRÍTICA**

Porto Nacional/TO

2022

MILTON CÁSSIO ANDRADE DO PRADO

**LEITURA E HUMANIZAÇÃO: O LETRAMENTO LITERÁRIO EM
UMA ABORDAGEM CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Tocantins-UFT, Campus de Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Demite Stephani.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- P8961 Prado, Milton Cássio Andrade do .
 Leitura e humanização: o letramento literário em uma abordagem crítica . /
 Milton Cássio Andrade do Prado. – Porto Nacional, TO, 2023.
 92 f.

 Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
 – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
 (Mestrado) em Letras, 2023.
 Orientadora : Adriana Demite Stephani

 1. Leitura. 2. Letramento Literário. 3. Humanização. 4. Estado da Arte. I.
 Titulo

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MILTON CÁSSIO ANDRADE DO PRADO

**LEITURA E HUMANIZAÇÃO: O LETRAMENTO LITERÁRIO EM
UMA ABORDAGEM CRÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Tocantins-UFT, Campus de Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Data de aprovação: 24/01/2023

Banca Examinadora

Profa. Dra. Adriana Demite Stephani – PPGLetras/UFT
(Orientadora)

Profa. Dra. Rubra Pereira de Araújo – PPGLetras/UFT
(Avaliadora Interna)

Profa. Dra. Gislene Maria Barral Lima Felipe da Silva – UnB/SEEDF
(Avaliadora Externa)

Porto Nacional/TO
2023

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória no mestrado foi possível por intermédio da graça de Deus. Dessa forma, agradeço a Ele, primeiramente, por ter me dado a oportunidade, saúde e força para enfrentar essa fase tão sonhada e importante em minha vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Adriana Demite Stephani, quem tão bem me acolheu e orientou com cuidado, paciência e sabedoria. Obrigado por ter me dado a oportunidade de trilhar essa jornada única, e pelos conselhos e conhecimentos compartilhados. Serei eternamente grato!

A todos os professores do Programa de Mestrado que compartilharam seus conhecimentos com tamanho júbilo e expertise. Vocês são excepcionais. Vencendo o cansaço do dia a dia nos mostravam o quão sublime pode se tornar o labor docente.

Aos professores que participam da banca de qualificação e defesa desta dissertação, desde já lhes agradeço pelo conhecimento compartilhado com tanta pontualidade e sabedoria.

E a todos os meus professores da educação básica, em nome das Prof.^a Maria Gorete e Maria Clarete que tanto contribuíram para esta conquista, obrigado pelo cuidado e os ensinamentos que trouxe comigo até aqui.

Aos meus pais, Lindolfo do P. Neto e Roseli Andrade P. do Prado, duas pessoas humildes e que mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas, não mediram esforços para que eu pudesse realizar este sonho. Eu os amo incondicionalmente.

Aos meus irmãos, Safira Micaelle Andrade do Prado e Flávio Andrade do Prado, duas pessoas pelas quais tenho imensa admiração e afeto. Saibam que são fundamentais em minha vida. Eu os amo.

À minha filha, Yasmin, a quem devo tudo quem eu sou, pois tudo que fiz foi pensando nela. Impossível medir o amor que sinto por você!

À minha namorada, Ludmila, com quem compartilhei toda essa fase acadêmica. Obrigado pelo companheirismo, por aguentar ouvir-me falar do mesmo assunto repetidas vezes; por ter feito a leitura e revisão dos meus escritos com paciência e carinho, e, enfim, por me apoiar sempre. Amo-te!

A literatura [...] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]. Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

(ANTONIO CANDIDO, 2017, p. 180)

RESUMO

Esta dissertação de mestrado está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras), da Universidade Federal do Tocantins, na Área de Estudos Literários e na linha de pesquisa em Teoria, Crítica e Comparatismo. A pesquisa aqui apresentada sustenta a tese de que pela abordagem crítica das obras literárias pode-se vislumbrar a formação de um indivíduo emancipado, crítico, capaz de “se ver no outro” e, conseqüentemente, estabelecer relações baseadas na valorização das diferenças existentes, num processo contínuo de humanização. Para fundamentar esta perspectiva, este trabalho dialoga com autores como Candido (1972, 2006, 2017), Todorov (2009), Paulino (2007), Cosson (2009, 2018), Zilberman (1984, 2009), Ferreira (2001), Britto (2012), Soares (2014), Morin (2003) e Foucambert (1989) para sustentar a discussão. Nesse propósito, objetivou-se mapear como o conhecimento produzido a respeito do tema “leitura e humanização” vem sendo abordado nas produções de pós-graduação no Brasil. Optou-se como metodologia de pesquisa Estado da Arte, mapeando pesquisas de mestrado com recorte temporal de análise de 2008 a 2020, tendo como fonte de dados a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – vinculada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Foram encontradas e analisadas 15 (quinze) pesquisas e pode-se evidenciar as percepções dos pesquisadores que se propuseram a investigar a respeito das temáticas associadas “leitura literária, letramento e humanização”, seus principais apontamentos, a fim de estabelecer um diálogo que proporcionasse um espaço de reflexão e as contribuições da abordagem crítica da literatura visando a humanização do leitor. Foram detectados pontos convergentes nas visões e análises dos pesquisadores, dos quais se destaca a defesa da abordagem pragmática do texto literário voltado para uma contextualização e busca do seu sentido, norteado pelo letramento crítico, questionando e desconstruindo a perspectiva de ensino de leitura literária historicizada pela escola, ou de leitura pela mera contemplação artística. Os dados coletados mostraram que a premissa do letramento literário ganhou novos contornos nos estudos teóricos, ao passo que houve a necessidade de rever as práticas de leitura que contemplassem as novas demandas do processo de apropriação da linguagem.

Palavras-chaves: Leitura. Letramento Literário. Humanização. Estado da Arte.

ABSTRACT

This master's thesis is linked to the Degree in Languages Graduate Program (PPGLetras), from the Universidade Federal do Tocantins, in the area of Literary Studies, together with the line of research in Theory, Criticism and Comparatism. Such research brought forward supports the thesis that, through a critical approach to literary works, one can envision the formation of an emancipated, critical individual, capable of "seeing himself in the other" and, consequently, establishing relationships based on the appreciation of existing differences, in a continuous process of humanization. To support this perspective, this work discusses with authors such as Candido (1972, 2006, 2017), Todorov (2009), Paulino (2007), Cosson (2009, 2018), Zilberman (1984, 2009), Ferreira (2001), Britto (2012), Soares (2014), Morin (2003) and Foucambert (1989) to sustain the discussion. In this regard, the objective was to map how the knowledge produced on the theme "reading and humanization" has been taken on board in postgraduate productions in Brazil. It was chosen the State of the Art research methodology, mapping the master's dissertations with a time frame of analysis from 2008 to 2020, using the Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – linked to Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Fifteen (15) researches were found out and analyzed, along with the perceptions of researchers who proposed to investigate about the themes associated with "literary reading, literacy and humanization", their main notes, in order to establish a dialogue that would provide a space for reflection and the contributions of the critical approach to literature aimed at the humanization of the reader. Resembling points were detected in the researchers' viewpoints and analyses, of which the defense of the pragmatic approach of the literary text stands out focused on contextualization and the search for its meaning, it guided by critical literacy, questioning and deconstructing the perspective of teaching historicized literary reading by school, or reading for mere artistic contemplation. The data collected demonstrated that the premise of literary literacy gained new contours in theoretical studies, while there was a need to review reading practices that contemplated the new demands of the language appropriation process.

Keywords: Reading. Literary Literacy. Humanization. State of art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Quadro para Arquivo dos critérios de análise - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.....	57
Quadro 2 - Produções de pós-graduação sobre leitura, por ano e total - 2008 a 2020.....	58
Quadro 3 - Foco de discussão das produções publicados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2008.....	62
Quadro 4 - Foco de discussão das pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2015.....	63
Quadro 5 - Foco de discussão das produções publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2016.....	66
Quadro 6 - Foco de discussão das pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2017.....	68
Quadro 7 - Foco de discussão dos pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2018.....	70
Quadro 8 - Foco de discussão das pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2019.....	73
Quadro 9 - Foco de discussão das pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2020.....	75
Quadro 10 - Foco das discussões sobre teses e antíteses relacionadas ao letramento literário como meio de humanizar.....	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CCM	Unidade Prisional Casa de Custódia de Maringá
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IEL	Instituto de Estudos da Linguagem
INAF	Indicador de Alfabetismo Funcional
IPL	Instituto Pró-Livro
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

MEMÓRIAS DE LEITOR	11
1 INTRODUÇÃO	13
2 REFLEXÕES SOBRE LEITURA: DAS POSIÇÕES E DEFESAS TEÓRICAS.....	17
2.1 Vieses da leitura	17
2.2 O tema da Leitura no Brasil: contradições e apontamentos	22
3 LEITURA SOB O VIÉS DO LETRAMENTO LITERÁRIO E DA HUMANIZAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES.....	33
3.1 Considerações sobre Leitura e Letramento Literário.....	33
3.2 Leitura literária e o processo de humanização	42
4 LEITURA LITERÁRIA E HUMANIZAÇÃO: O QUE TRAZEM AS PESQUISAS	52
4.1 Contexto teórico e do mapeamento da pesquisa	54
4.2 Critérios de seleção do <i>corpus</i>	60
4.3 Das pesquisas analisadas.....	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	87

MEMÓRIAS DE LEITOR

Antes de iniciar a exposição desta pesquisa, faz-se fulcral a apresentação do seu idealizador e sua relação com o tema. Desde criança, eu¹ gostava de ler os livros que pertenciam à biblioteca da escola onde estudei durante o ensino fundamental, como também não saem da memória as aventuras narradas pelos contadores de estórias infantis nas fitas as quais minha professora, Maria Clarete, colocava para ouvirmos. Eram estórias que aguçaram a imaginação, por vezes, causavam medo e espanto, mas sempre que havia uma oportunidade pedia a ela que repetisse a fita de estórias. Era uma vontade insaciável de querer retornar àquela experiência fantástica.

Entre tantas, ouvia repetidas vezes a história de um príncipe (cujo nome não consigo me recordar com exatidão) que, em sua caminhada pelo mais inóspito deserto, se encontrava com seres encantados: bruxas e saqueadores maléficos. Tais narrativas conseguiam proporcionar catarse e espanto em quem a ouvia, e tudo era acompanhado de uma trilha sonora ora aterrorizante, ora atraente e reveladora, a *La Quentin Tarantino* – o gênio das trilhas sonoras de *Hollywood*.

Ainda no ensino fundamental já vislumbrava cursar a faculdade de Letras, um desejo reforçado nos momentos epifânicos nas disciplinas de língua portuguesa e língua inglesa no ensino médio. Eis que meu sonho se concretizou em 2013, ao passar no processo seletivo da Universidade Estadual de Goiás (UEG). O deslumbramento com o ensino de língua materna e língua estrangeira foi instantâneo e me lapidar como estudioso da área motivava para os enfrentamentos de um curso superior. Ademais, frequentar uma Universidade - e ainda pública - era sinônimo de felicidade e de orgulho a todos os meus familiares.

A carreira docente começou cedo, e mesmo antes de concluir a faculdade já ministrava aulas de língua inglesa em uma escola do município de Combinado, e depois em uma instituição de ensino do estado do Tocantins (TO), o que representou a oportunidade de poder colocar em prática aquilo que sempre gostei de estudar e falar sobre: a língua e suas manifestações próprias dos homens.

Ainda na universidade, palavras como letramento, letramento crítico foram me apresentadas de uma maneira densa e reflexiva pela professora Cristiane Rosa Lopes que me acompanhou como orientadora no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). Pensar o ensino da língua como uma oportunidade de formação humana e crítica dos sujeitos

¹ Parte narrada em primeira pessoa por se referir às memórias do pesquisador.

ao mesmo tempo que me amedrontava diante do desafio, inquietava-me e me movia. Além dessa experiência, outra inquietude me provocou, a preocupação com a formação do “formador de leitores”, o professor. Questionava-me: como formar leitores críticos? Como a literatura pode colaborar nessa formação e favorecer o processo de humanização? Estaríamos nós, professores, preparados para isso? Em busca dessas respostas, pensando no meu “lugar no mundo” como professor e acreditando que somos, por essência, eternos pesquisadores, não quis parar na graduação, busquei uma especialização e agora aprofundar minhas pesquisas no mestrado.

Ademais, a relação visceral com a leitura literária causa centelhas que me fazem buscar conhecer questões relacionadas à maneira como ela é tratada nas escolas, o que engendra um campo categórico para discussão. Assim, acredito que pesquisar o tema é a maneira mais pontual de aprofundar os vieses pelos quais a leitura tem sido abordada em sala de aula e responder às angústias que motivam o nosso lado professor-pesquisador.

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva que estimula esta dissertação discute a leitura literária pelo viés teórico voltado ao ensino do texto, tendo em vista o letramento literário do leitor. Adota-se aqui a linha de defesa que o ensino da leitura, aliado às práticas de letramento literário, proporciona ao leitor uma formação que vai além do entendimento do texto, pois no processo do letramento também se pode reconhecer-se e conectar-se na/com a escrita “do outro”, numa perspectiva de “interação” humanizadora.

O viés teórico selecionado trata do conceito de leitura concebido e associado ao ato de decodificar e interpretar o que está escrito no texto, contextualizando-o. E, neste processo, o indivíduo é auxiliado por instrumentos de decodificação de signos, exercendo uma competência leitora que antecede à própria apropriação de seu sentido.

Ler e saber sobre o mundo é uma necessidade humana. Mesmo os mais sofisticados instrumentos desenvolvidos até então pelo ser humano só puderam ser desenvolvidos pela mediação dos símbolos: computadores, *softwares* a título de exemplo são constituídos fundamentalmente por letras e números. Infere-se que a relação entre homem e natureza não acontece de maneira direta, mas por meio desses instrumentos – materiais simbólicos – indispensáveis para que isso se consuma.

Assim concebendo, a leitura é subsídio indispensável no que diz respeito à emancipação e humanização do indivíduo; a linguagem é o que constitui e ressignifica os sujeitos possibilitando-os agir e transformar a realidade a qual estão submersos. Desta forma, a literatura – e voltando-se aqui para a literatura escrita – desponta como uma espécie de *voucher* que não só comprova como garante a comunicação inter-humana num constante jogo de relações entre obra, autor e leitor (CANDIDO, 2017).

Salienta-se que a leitura (tratando aqui da leitura de textos literários) oferece ao leitor – mediante a identificação com o texto ficcional – subsídios complexos de interpretação do mundo, ao passo em que leva os indivíduos a refletirem sobre si próprios através do outro, num exercício de alteridade². Isso porque, a manifestação literária – desde o romance amoroso a outras manifestações – é evocada pelo devaneio. A literatura é considerada o sonho acordado das civilizações, indispensável para o equilíbrio social, assim como o sonho é para o equilíbrio

² “Alteridade é a qualidade ou estado do que é outro ou do que é diferente. Está relacionada com a capacidade de perceber a si mesmo ou o próprio grupo social, não como o padrão, mas também como o outro”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alteridade/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

psíquico, daí a sua função humanizadora (CANDIDO, 2017).

Concebendo a literatura como um direito humano inalienável (CANDIDO, 1989, 2007), defende-se aqui seu espaço em todas as circunstâncias e momentos da vida humana, principalmente na fase escolar – para muitos, infelizmente, único momento privilegiado para seu contato. E, visando um ensino literário nas escolas que alcance níveis mais elevados de engajamento de todos que integram a aula de literatura, abarcando a complexidade inerente às obras literárias, destaca-se, dentre vários outros elementos importantes, a urgência em desnudar o viés crítico dos textos estudados, tendo em vista suas nuances e particularidades.

Ao transgredir o mero aspecto estético – e por vezes descritivo –, a aula de literatura que tenha como premissa o letramento literário pode proporcionar os mais elevados graus de engajamento por parte dos envolvidos. Haja vista a importância do contato mais ‘sistematizado’ entre leitor e texto literário, uma atividade mais complexa com as obras potencializa a visão crítica do mundo, ressignificando texto, leitor e autor. Aliás, defende-se aqui que esse seja o meio mais assertivo de apropriação integral da obra literária.

Cabe destacar a importância de se considerar a aula de literatura literária como uma oportunidade dada ao estudante de conhecer o contexto de criação das obras, da história e, conseqüentemente, de si mesmo recorrendo aos processos de confrontação. No entanto, infelizmente, ainda é possível encontrar ações e metodologias de sala de aula que abordam o texto literário como mero material estético, isento de intenções e significados, deixando de lado sua conjuntura: escrito por um sujeito em um determinado recorte de tempo (FIORIN; PLATÃO, 1996), dotado de intenções e arbitrariedades, as quais são fundamentais serem ruminadas num ambiente provocativo de discussão em sala de aula de leitura, devidamente utilizados como fonte de engajamento do leitor. Não se atentar para toda essa complexidade do texto é ignorar sua potencialidade de imersão, confrontação e alteridade.

Sobre a necessidade de ir do simples ao complexo, relacionando texto, contexto e intertexto, Cosson (2020, p. 60) explica “o termo intertexto foi cunhado em 1966 por Julia Kristeva, com base na leitura de Bakhtin, para designar a relação entre textos ou mais precisamente o reconhecimento de que um texto é sempre resultado de um diálogo com outros textos”. Em suma o texto não é passível de ser considerado com um círculo fechado em si mesmo.

É notável ter havido nas últimas décadas um aumento substancial de pesquisas, pesquisadores, docentes e instituições depreendendo estudos e esforços para discutir a realidade do trabalho com o texto literário e como construir caminhos – teóricos, práticos e de políticas públicas – para que de fato a formação de leitores ocorra, principalmente na perspectiva da

efetivação do processo de humanização propiciado pela literatura.

No ensejo de contribuir com esses esforços, a presente pesquisa analisa a evolução do pensamento educacional em relação à leitura ancorado nas mudanças de paradigmas sobre o ensino de leitura, e como esses processos se articulam no ensino de leitura literária, sobretudo quando se fala da formação de leitores que prime pela promoção de sua humanização. O que se busca também é identificar as percepções dos pesquisadores que se propuseram a investigar a respeito desse recorte temático, em quais pontos eles acordam e se divergem em seus apontamentos.

Este estudo observou as bases teóricas utilizadas nas dissertações que relacionam letramento literário e leitura literária, e qual o lugar desse letramento no estudo de literatura em sala de aula como meio de abordagem crítica do texto literário.

Na busca pela resposta à pergunta de pesquisa, referente às contribuições da abordagem crítica da leitura literária como meio de humanização do leitor, teve-se em mente que se possa demonstrar, dentre outras coisas, que a literatura tem se despontado cada vez mais, como prática de humanização no ambiente escolar.

Objetivou-se mapear como o conhecimento produzido a respeito do tema “leitura, literatura e humanização” vem sendo abordado nas produções de pós-graduação no Brasil e, para isso, optou-se como metodologia de pesquisa Estado da Arte, elencando pesquisas de mestrado – produzidas no período de 2008 a 2020 - tendo como fonte de dados a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – vinculada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A partir das palavras-chaves “leitura, literatura e humanização” foram encontradas e analisadas 15 (quinze) pesquisas e se investigou as percepções dos pesquisadores que se propuseram a investigar a respeito das temáticas, seus principais apontamentos, a fim de estabelecer um diálogo que proporcionasse um espaço de reflexão e as contribuições da abordagem crítica da literatura visando à humanização do leitor.

Lucubrando sobre o teor das pesquisas mapeadas, discute-se, por exemplo, em que medida a leitura literária deve ou não ser considerada um meio de se exercer de reflexão e, conseqüentemente, aproximando o leitor das esferas de atividade humana. Ao propor essa observação, é oportuno fazer um contraponto da leitura crítica capaz de conferir ao homem a sua humanidade e a leitura contemplativa, isenta das discussões que abordam os aspectos culturais, econômicos, sociais que a envolvem, favorecendo uma formação fragmentada e pouco significativa do aluno-leitor.

Para fundamentar esta perspectiva, esta dissertação estabeleceu diálogo com autores como Candido (1972, 2006, 2017), Paulino (2007), Cosson (2009, 2018), Todorov (2009),

Zilberman (1984, 2009), Ferreira (2001), Britto (2012), Soares (2014), Morin (2003) e Foucault (1989) para sustentar a discussão.

Quanto à estrutura, esta dissertação organiza-se em seções concatenadas, precedidas por um breve relato no qual o autor desta pesquisa apresenta suas memórias de leitor e como se constituiu como tal e como este processo estimulou a escolha do tema e ao processo de realização da pesquisa, de modo geral.

Após a Introdução, este texto traz duas seções com discussões teóricas, propondo e estabelecendo reflexões sobre o tema leitura e letramento literário com base em autores que se debruçaram sobre o tema, com vistas ao ensino de leitura que considere o letramento literário no ambiente escolar, de modo a alcançar formação crítica e humana do leitor. *Reflexões sobre leitura: das posições e defesas teóricas* e *Leitura sob o viés do letramento literário* intitulam as seções.

A seção *Leitura literária e humanização: o que trazem as pesquisas* traz seções que descrevem os percursos metodológicos e os achados da pesquisa. A metodologia utilizada na pesquisa é exposta, e o processo de geração das informações ou dados é descrito, motivado pela opção de estudo de levantamento teórico, cujas bases são as fontes utilizadas na análise do tipo Estado da Arte. São apresentadas informações relevantes relacionadas à pesquisa, demonstrando como os temas “leitura literária, letramento literário e humanização” têm sido abordados nas pesquisas de pós-graduação no Brasil. Também descreve e analisa as produções científicas levantadas por meio de busca virtual, utilizando as palavras-chaves *leitura literária, letramento e humanização*. A principal fonte de pesquisa foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) para coleta dos dados.

São apresentadas as reflexões tecidas durante a pesquisa, apontando os resultados de pesquisa de vários autores que tratam de leitura e letramento literário, bem como suas potencialidades. Discorre-se sobre os pontos semelhantes e divergentes entre si, relacionados ao modo de perceber a leitura, os problemas apontados por eles, e suas novas demandas.

Em seguida, nas Considerações Finais discutem-se as possíveis contribuições da Dissertação Discussões e Apontamentos e são postas as conclusões e as respostas ao problema de pesquisa, confrontando os objetivos identificados inicialmente com os resultados alcançados, bem como possibilidades de pesquisas futuras.

2 REFLEXÕES SOBRE LEITURA: DAS POSIÇÕES E DEFESAS TEÓRICAS

Esta pesquisa propõe reflexões a respeito das benesses de se trabalhar a leitura por meio de práticas que aspirem ao letramento literário no ambiente escolar, alcançando a formação crítica, significativa do leitor e, contingencialmente, a sua formação humana. Tais benefícios compreendem não só o âmbito laboral (do ponto de vista econômico), mas todas as esferas da vida em sociedade, tendo em vista que a formação de leitores críticos está visceralmente relacionada à promoção da humanização dos indivíduos.

E, para tais reflexões, faz-se oportuno pensar a leitura, como é concebida e sua realidade no país, e é isto que se enseja nesta seção, apresentando as posições e defesas teóricas que embasam a presente pesquisa.

2.1 Vieses da leitura

Ao abordar o termo “leitura” tem-se em mente que é uma prática que transpassa a vida e tudo aquilo com o qual o indivíduo se relaciona dialeticamente no decorrer dela. Ao primeiro contato com o mundo, o indivíduo passa a ler à sua volta, percebendo a necessidade de interpretar esses espaços.

Infere-se que para “ler bem”, com propriedade, é necessário ler não só o texto (oral, escrito, imagético), mas o mundo (FREIRE, 2009) e, conseqüentemente, a si próprio. Já no início da vida, o indivíduo se depara com a complexidade que o processo de ensino e aprendizagem lhe oferece em relação à escrita, tendo em mente que este é um complexo sistema abstrato de representações, considerando que – grosso modo – a escrita é a representação de sons por meios de símbolos gráficos.

Ao se discutir o tema *leitura*, é pertinente primeiramente apresentar o conceito que se assume no texto do “que é ler”. Faz-se importante investigar os vieses³ relacionados à leitura que tragam para o centro da especulação do trabalho reflexões pertinentes ao tema, porquanto as nuances que envolvem a formação de leitores, assim como aquilo que estabelece a ligação entre leitor e obra no momento da leitura. Tratando especificamente da leitura do texto escrito, é importante também trazer para a discussão o que não é considerado “leitura escrita”.

3 “Vieses é o plural de viés. O mesmo que: envieses, enviéses, naturezas, obliquidades, soslaio, tendências. Que tende a seguir” In: **DICIO – Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=vieses>. Acesso em: 21 jan. 2021.

E, afinal, “o que é leitura?” e “o que é ler”? Nas palavras de Britto (2012, p. 110):

Mais que ato mecânico de decodificação, a leitura é uma atividade intelectual que se caracteriza pela inteligência de um discurso específico que se organiza segundo regras próprias, diferentes das da linguagem oral. Esse discurso apresenta estratégia argumentativa particular, com sintaxe, universo lexical e referencialidade específicos, constituindo o que se tem chamado de “o mundo da escrita” (grifos do autor).

Essa distinção se faz importante ao identificar as diferentes naturezas ostentadas pela palavra “leitura”, tal qual as múltiplas aplicações desse léxico no cotidiano como: a leitura do jogo, a leitura da imagem, leitura das mãos, leitura labial etc. É necessário destacar ainda a distinção entre leitura e interpretação, considerando que seja um erro relacionar a acepção da palavra “leitura” a um ato mecânico, e não ao resultado de incentivos e estímulos voltados à sua promoção.

Pode-se considerar a partir do étimo, que a palavra *leitura* estabelece uma relação entre leitor e texto na busca de se conhecer o que está escrito (em geral por outra pessoa), o que envolve texto e contexto. Mesmo a percepção que se tem sobre leitura está imbuída das percepções que o leitor tem do mundo e de si.

Na busca dos sentidos de leitura, Britto (2012) esclarece:

Leitura é um vocábulo extremamente polissêmico, com muitas acepções e aplicações. Etimologicamente, tem a mesma origem de *escolha* e *eleição* (leg-; lec-; leit-), indicando, entre outras coisas, o ponto selecionado para apresentar à audiência (sentido que reverbera no inglês *lecture*). Pode-se dizer, dessa perspectiva, que a leitura tem a ver, mais que com a decifração, com escolhas. E este parece ser, por outros e tortuosos caminhos, o sentido subjacente ao difundido mote de que é o leitor quem dá sentido ao texto: seriam suas escolhas e projeções o cerne da significação ou significações que emergiriam no ato leitor (BRITTO, 2012, p. 18).

O aspecto polissêmico da palavra *leitura* é revelado, pois existem concepções tanto voltadas para o texto quanto para o autor, e as que consideram o olhar do leitor como meio norteador da ação. E é se atendo a essa última acepção, que o autor supracitado esclarece que a leitura ganha contornos de ação que se iniciam antes da prática em si, pois os traços que marcam o leitor antecedem a leitura do texto propriamente dita.

Sobre a leitura estar relacionada ao olhar do leitor/observador, Coracini (2005, p. 23) reflete sobre a leitura “enquanto processo discursivo – no caso da visão discursiva, como fica o olhar do leitor ou do observador? Em primeiro lugar, o olhar vem de dentro do sujeito, inteiramente impregnado por sua subjetividade, que se constitui do/no exterior por sua historicidade”.

Portanto, discute-se o conceito de leitura na busca de uma proposição que atenda às demandas, tendo em vista a complexidade que o tema sugere, já que *leitura* passa ao largo de ser considerada como prática de mera decifração de um código, haja vista a importância da leitura como forma de acessar conhecimentos.

Ao tratar da leitura como uma prática que consiste em manter com os olhos uma linguagem feita para o observador, Foucambert (1989) narra:

Tanto em nosso país como na China, a escrita é a linguagem que se dirige aos olhos; funciona e evolui para a comodidade dessa comunicação visual. A correspondência aproximativa com o oral é uma característica suplementar, que não afeta, porém, os processos de leitura (FOUCAMBERT, 1989, p. 7).

Ao buscar um conceito de leitura, deve-se antever alguns equívocos que acompanham esse vocábulo, pois é comum que a leitura esteja associada a tudo que está relacionado à aquisição de sentidos, e ao considerar essa proposição, tudo seria considerado leitura. Ao tratar do conceito de leitura deve-se atentar, e o autor supracitado destaca, que a correspondência oral faz parte de uma manifestação suplementar à leitura – escrita – já que a oralização é uma cadeia constituída a partir da escrita.

Conceber a leitura como uma prática visual gera vários pontos de tensão em relação ao que é colocado em prática nas aulas voltadas ao ensino de leitura: o professor (leitor) deve ter em mente que na prática de leitura que vise à formação leitora crítica, há pontos sensíveis no texto que devem ser mediados pelo professor. Essas aberturas só podem ser desnudadas por meio de uma relação aberta – desafiadora, porém possível – com os envolvidos.

Na preocupação de estabelecer um conceito razoável sobre leitura, em especial o que a desvincula da oralidade, Britto (2012) alerta:

Ler, em alguma medida, especialmente pelo modo como se constitui a modalidade escrita na sociedade ocidental, implica a interação intelectual com discursos cuja organização se afasta das formas da oralidade, com léxico, sintaxe e prosódia próprios, sustentando-se sobre outro tipo de referencialidade, mais distante do contexto imediato e vinculada a estratégias mais tensas de representação, ocupando lugar específico na dimensão cultural e intelectual (2012, p. 106).

A leitura – na perspectiva da linguagem escrita – assume seu caráter transdisciplinar à medida que se torna evidente o fato de ela mediar o ensino de todas as áreas do conhecimento. Ademais, a linguagem deve ser considerada a forma pela qual tanto se busca quanto se organiza o conhecimento adquirido.

A língua escrita possui uma funcionalidade à qual o indivíduo durante a vida passa a desenvolver e aplicar como aliada para desempenhar suas funções, desde as que compõem a

vida laboral até as mais simples como escrever uma mensagem de texto, e outras que dizem respeito ao seu cotidiano, o que inclui a leitura do texto literário – sobre o qual se ampliarão as reflexões na seção 3.

Sobre o papel decisório do signo linguístico – inclusive no que trata da tecnologia digital (sua evolução e estabelecimento no cotidiano humano), armazenamento e mediação do conhecimento – Freitas (2009) reitera:

Computador e internet introduzem uma forma de interação com as informações, com o conhecimento e com as outras pessoas, totalmente nova, diferente da que acontece em outros meios como a máquina de escrever, o retroprojetor. No uso do computador e da internet a ação do sujeito se faz de forma interativa e enquanto lê/escreve, novos fatores intelectuais são acionados: a memória (na organização de bases de dados, hiperdocumentos, organização de arquivos); a imaginação (pelas simulações); a percepção (a partir das realidades virtuais, telepresença) (FREITAS, 2009, p. 5-6).

O autor ressalta as dimensões alcançadas pela linguagem, pois mesmo o computador ou a rede mundial de computadores – internet – são instrumentos criados e empregados por meio da linguagem (símbolos), escrita e leitura.

Reiterando a respeito da acepção da leitura, especificamente no que se refere à do texto escrito, Britto (2015, p. 28) aponta que “[i]mporta sublinhar que interpretar não é o mesmo que ler (ainda que faça parte da leitura), assim como ler é diferente de escutar, mesmo que em ambos os casos haja realização linguística, e diferente de ver, mesmo que para ler se lance mão da visão”.

O autor propõe que haja uma atenção na delimitação do que vem a se constituir como leitura, no intuito de evitar, principalmente, generalizações a respeito da acepção, ao se discutir o tema, pois caso não aconteça a leitura, passa a ser tudo que indica uma atividade sensitiva intelectual, trazida à tona no momento de interação entre homem e mundo possibilitada por mediadores culturais.

A respeito do significado da palavra leitura e o que a levou ao *status* atual de área de investigação delimitada que exige métodos e abordagens próprias, tal qual se desvincula de outras práticas como a alfabetização, Zilberman e Theodoro (1992) explicam:

Foi em meio à década de 70 que, no Brasil, a leitura foi alçada à condição de um campo delimitado de investigação teórico e metodológica. Além disso, existiam sobretudo estudos e propostas de métodos renovadores de alfabetização, pesquisas sobre hábitos e preferências de leitor e discussões de problemas relativos ao ensino da literatura. Todavia do desenvolvimento, nos últimos tempos, das ciências da linguagem, conferiu novos *status* à leitura, de um lado liberando-a de seus vínculos mais imediatos com a alfabetização e a aprendizagem da escrita, de outro ampliando seu âmbito de atuação e abrangência, já que passou a incorporar as contribuições da psicolinguística, sociolinguística e análise do discurso, entre as áreas de mais expansão, da teoria da literatura e pedagogia, entre as mais consolidadas (ZILBERMAN; THEODORO, 1992, p. 7).

Junto ao desenvolvimento do campo da linguagem, o tema leitura passou a ter mais abrangência no campo de atuação, pois os temas relacionados ao recorte da leitura começaram a receber contribuições da psicolinguística, sociolinguística e análise do discurso à proporção que lhe conferiam aspectos particulares em comparação às outras práticas.

Por outro lado, essa popularização do tema não está relacionada apenas ao alinhamento das pesquisas brasileiras em relação às pesquisas mais recentes dos estudos linguísticos de outros países, pois no Brasil destacam-se alguns agravantes como, por exemplo, a crise da leitura (ZILBERMAN; THEODORO, 1992).

Na busca do esclarecimento quanto ao conceito de ler e escrever, nos dizeres de Soares (2014):

Já o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita, esse fenômeno só recentemente se configurou como uma realidade em nosso contexto social. Antes, nosso problema era apenas o do “estado ou condição de analfabeto” – a enorme dimensão desse problema não nos permitia perceber esta outra realidade, o “estado ou condição de quem sabe ler e escrever”, e por isso, o termo *analfabetismo* nos bastava, o seu oposto – *alfabetismo* ou *letramento* – não nos era necessário (SOARES, 2014, p. 20).

Nas palavras da autora, nas pesquisas e discussões relacionadas à leitura, pelas atenções estarem voltadas aos problemas mais emergentes como o analfabetismo no Brasil, e levando em consideração a sua enorme dimensão, isso não permitia um aprofundamento maior em relação a outras questões como “a situação e condição de quem sabe ler ou escrever”. E, se antes tratar do termo *analfabetismo* já era “suficiente”, hoje se torna cada vez mais emergente tratar do seu oposto o “letramento” e a condição do indivíduo “alfabetizado” e “letrado”.

Mais do que discutir o analfabetismo, torna-se cada vez mais necessário um olhar à condição da pessoa que já é alfabetizada, partindo do pressuposto que ler e escrever não sejam atividades mecânicas e simplistas; pelo contrário, a leitura é o modo de abertura do homem para

o mundo sensível e, conseqüentemente, para a sua própria humanização, enquanto questão contingencial.

2.2 O tema da leitura no brasil: contradições e apontamentos

Há de se considerar que a formação do leitor não é algo homogêneo ou que possa ser desenvolvido por decreto, impositiva e arbitrariamente imposta pelo professor, e sim proposta, ler é um processo paulatino e singular. Ao se abordar o sujeito considerado leitor, deve-se levar em consideração tudo o que concorreu (ou não) para que ele se constituísse como tal. Segundo os dados relativos ao Instituto Pró-livro (IPL) – órgão que investiga o nível de letramento e leitura da população brasileira, tendo como base um dos projetos – a revista *Retratos da Leiturano Brasil* (2015) – aponta:

O tempo livre dos brasileiros está cada vez mais ocupado por uma variedade de atividades, com destaque em 2015 para o uso da Internet e outras atividades no computador ou no telefone celular (como redes sociais, WhatsApp etc), fenômeno observado tanto entre não leitores quanto entre leitores (a diferença é que os últimos ocupam seu tempo livre de maneira mais variada que os primeiros, o que está associado à escolaridade e ao perfil de renda). Os resultados da pesquisa reforçam a análise de que o hábito de leitura é uma construção que vem da infância, bastante influenciada por terceiros, especialmente por mães e pais, uma vez que os leitores, ao mesmo tempo em que tiveram mais experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas, também promovem essa experiência às crianças com as quais se relacionam em maior medida que os não leitores [...] (IPL, 2016, 130-131).

Ainda sobre os vários contextos nos quais o letramento literário pode ser contemplado, segundo os dados do IPL (2016), a leitura divide espaço com outras atividades, sendo a internet a que se destaca como aquela com a qual as pessoas mais se ocuparam. Isso inclui o tempo gasto em dispositivos como o computador e o aparelho celular. Um outro aspecto do perfil do leitor no Brasil contemplado na pesquisa é que os hábitos relacionados à prática de leitura são desenvolvidos na infância, reforçando o papel determinante do mediador como os pais e mães, também leitores.

Sobre o despertar do gosto pela leitura em relação às pessoas pesquisadas, os dados referidos mostram que:

Apenas um terço dos brasileiros teve influência de alguém na formação do seu gosto pela leitura, sendo que a mãe ou responsável do sexo feminino e o professor foram as influências mais citadas. E a pesquisa indica que essa influência tem impacto no fato do indivíduo ser ou não leitor, uma vez que, enquanto 83% dos não leitores não receberam a influência de ninguém, o mesmo ocorre com 55% dos leitores. No entanto, a pesquisa também indica que o potencial de influenciar o hábito de leitura dos filhos está correlacionado à escolaridade dos pais – filhos de pais analfabetos e sem escolaridade tendem menos a ser leitores que filhos de pais com alguma escolaridade; Da mesma forma, enquanto 57% dos leitores viam suas mães ou responsáveis do sexo feminino lendo sempre ou às vezes, 64% dos não leitores nunca viam essas figuras referenciais lendo (embora com diferentes proporções, o mesmo se dá em relação à figura do pai ou responsável do sexo masculino). Em 2015, semelhante ao observado nas edições anteriores da pesquisa, pouco menos de um terço dos brasileiros declaram que gostam muito de ler. Ao contrário, pouco menos de um quarto não gostam. A proporção de leitores que gostam muito de ler é significativamente maior que a proporção de não leitores, grupo composto por 43% de indivíduos que não gostam de ler (IPL, 2016, 131-132).

Ao associar a porcentagem de leitores brasileiros e seu desenvolvimento no gosto pela leitura, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* mostra que apenas 1/3 das pessoas entrevistadas tiveram influência de alguém, e as influências mais citadas foram as mães ou responsáveis do sexo feminino e o professor. Esse dado revela, dentre outras questões, que a escola continua sendo um dos espaços onde as pessoas são estimuladas a ler, tornando ainda mais evidente o quão imprescindível é o papel do professor mediador no desenvolvimento do indivíduo como ser humano.

Estabelecendo relação entre a humanização do indivíduo e a formação de leitores, depreende-se que ambas as instâncias necessitam da mediação do outro. Isso porque não podem ser concebidas partindo da imanência, mas por um processo paulatino e complexo que perpassa todos os momentos da existência do indivíduo.

Dando sustentação à discussão, pesquisas e indicadores endossam o baixo nível dos leitores no Brasil. Trazendo dados como do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF)⁶, cujo objetivo é medir o nível de alfabetismo no Brasil e, observando as suas habilidades em relação à leitura, escrita e matemática, constata-se um baixo desempenho dos brasileiros no que se refere à realização satisfatória de leitura e interpretação relacionados ao INAF de 2016 (que traz dados de 2015) e 2018.

6 O INAF é uma pesquisa idealizada em parceria entre o Instituto Paulo Montenegro e a ONG Ação Educativa e realizado com o apoio do IBOPE Inteligência com o objetivo de mensurar o nível de alfabetismo da população brasileira entre 15 e 64 anos, avaliando suas habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática aplicadas ao cotidiano. *In: Instituto Paulo Montenegro. INAF. Disponível em: https://alfabetismofuncional.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Inaf2018_Relato%CC%81rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 21 out. 2022.*

Quanto à indispensabilidade do outro – professores, pais e responsáveis – no que está relacionado ao letramento literário, formação crítica assim como a busca do sujeito pelo significado de sua conjuntura histórico-espacial, Freitas (2009, p. 4) assevera que “a inserção na cultura pela interação com o outro via linguagem é que possibilita à criança se tornar de um simples ser biológico em um ser cultural, humano”.

Partindo do argumento de que “o próprio pensamento é concebido pela palavra”, infere-se que “ler melhor” significa “pensar melhor”, o que torna ainda mais nítida a viabilidade da aplicação de práticas de letramento no ambiente escolar, via ensino de leitura.

Os dados da pesquisa ainda apontam que os filhos de pais analfabetos ou com menor escolaridade tendem menos a ser leitores do que os de pais com um nível de escolaridade mais elevado. Isso indica que, ao tratar da leitura no Brasil, o pesquisador deve se ater às especificidades desse tema, que atravessa todos os aspectos relacionados à vida, o que inclui evidentemente sua condição sociopolítica e econômica.

A tempo, é necessário que se esclareça que ao optar por refletir sobre dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, levou-se em consideração o fato de se tratar de uma pesquisa com ampla amostragem e prestígio nacional. Há de se ressaltar que os dados trazidos pela revista são relevantes por entender que o IPL é uma associação mantida por entidades do mercado editorial, e por consequência disso, suas informações não são consideradas como elementos que não possam ser contestados.

O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) mensura o nível de alfabetismo das habilidades que envolvem a leitura, a escrita e o conhecimento de matemática de brasileiros entre 15 e 64 anos de idade, visando proporcionar subsídios aos debates que tratam do alfabetismo funcional no Brasil. Nesta análise, identificam-se dois grupos: Analfabetos Funcionais e Funcionalmente Alfabetizados. Esses dois grupos e suas subdivisões estão descritos a seguir:

Analfabetos Funcionais

Analfabeto – Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.);

Rudimentar – Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou um bilhete), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando fita métrica;

Funcionalmente Alfabetizados

Até a edição de 2011, este grupo era subdividido nos níveis Básico e Pleno.

A partir de 2015, buscando aprimorar a interpretação dos resultados, os respondentes passam a ser classificados em 3 níveis:

Elementar – As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, resolvem problemas envolvendo operações na ordem dos milhares, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e compreendem gráficos ou tabelas simples, em contextos usuais. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações;

Intermediário – Localizam informações em diversos tipos de texto, resolvem problemas envolvendo porcentagem ou proporções ou que requerem critérios de seleção de informações, elaboração e controle de etapas sucessivas para sua solução. As pessoas classificadas nesse nível interpretam e elaboram sínteses de textos diversos e reconhecem figuras de linguagem; no entanto, têm dificuldades para perceber e opinar sobre o posicionamento do autor de um texto.

Proficientes – Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos de maior complexidade, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações e distinguem fato de opinião. Quanto à matemática, interpretam tabelas e gráficos com mais de duas variáveis, compreendendo elementos como escala, tendências e projeções (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2018, p. 21).

Os dados no INAF (2018), que tratam da população que pode ser considerada funcionalmente alfabetizada, indicam que

[...] ao longo dos anos, verificou-se um lento crescimento e uma estagnação a partir de 2009 do crescimento da população que poderia ser considerada Funcionalmente Alfabetizada. No estudo de 2001-2002, 61% dos entrevistados foram considerados Funcionalmente Alfabetizados; em 2007, 66%; e, nos três estudos realizados entre 2009 e 2015, o percentual de Funcionalmente Alfabetizados ficou estável em 73% para, em 2018, apresentar uma pequena oscilação negativa. Em síntese, apenas 7 entre 10 brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos podem ser considerados Funcionalmente Alfabetizados conforme a metodologia do Inaf pela estimativa de 2018. (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2018, p. 9).

Sobre o baixo índice de alfabetismo, tendo em vista o desempenho insatisfatório dos leitores no Brasil, há que se ressaltar que os índices da última pesquisa realizada apontam que a edição do INAF (2018) não revela avanços no nível de alfabetismo no Brasil. Seus resultados apontam que:

No estudo de 2001-2002, 61% dos entrevistados foram considerados Funcionalmente Alfabetizados; em 2007, 66%; e, nos três estudos realizados entre 2009 e 2015, o percentual de Funcionalmente Alfabetizados ficou estável em 73% para, em 2018, apresentar uma pequena oscilação negativa. Em síntese, apenas 7 entre 10 brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos podem ser considerados Funcionalmente Alfabetizados conforme a metodologia do Inaf pela estimativa de 2018 (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2018, p. 9).

Considerando e comparando com a penúltima pesquisa (de 2016) do INAF, percebe-se estabilidade no índice de pessoas funcionalmente alfabetizadas. Em contrapartida, a pesquisa de 2018 demonstra uma queda no número de pessoas que dominam as habilidades de leitura, escrita e matemática aplicadas ao cotidiano. Infere-se que o número de pessoas que não conseguem ler ou interpretar textos ainda é significativo.

Tendo em vista os dados apontados pelo INAF, é passível de se considerar um crescimento no Índice de Alfabetismo Funcional, considerando o recorte de 2001 a 2015, e que houve uma pequena oscilação de 2015 a 2018, o que deve ser levado em consideração já que em resumo somente 7 entre 10 dos brasileiros entre 15 e 64 anos que participaram da pesquisa podem ser considerados funcionalmente alfabetizados. Logo, a pesquisa revela que há ainda um longo caminho cheio de percalços a ser percorrido na busca de uma educação emancipadora e significativa, e favorável às práticas de letramento literário do sujeito.

Outro instituto que também contribui com dados de relevância sobre o assunto é o Instituto Pró-Livro⁵ (IPL), tendo como um dos seus projetos de pesquisa a revista *Retratos da*

⁵Associação de caráter privado e sem fins lucrativos cuja fundação ocorreu em outubro de 2006. Dentre os seus principais objetivos o IPL visa indicar o nível de letramento e leitura da população em geral recebendo recursos constituídos, principalmente, de entidades do mercado editorial. As pesquisas realizadas pelo IPL buscam

Leitura no Brasil com abrangência nacional, aplicada pelo IBOPE Inteligência⁶.

Em sua penúltima edição (2016), a pesquisa do IPL mostrou, dentre outras coisas, que:

Em 2015, 56% da população brasileira com 5 anos ou mais é considerada leitora de acordo com os critérios da pesquisa (ter lido ao menos um livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores à pesquisa); Um dos principais destaques da pesquisa em 2015 é o fato de a população adulta e a que está fora da escola estarem lendo mais do que foi observado nos anos anteriores da pesquisa, embora ser leitor ainda seja uma característica significativamente associada à escolaridade, à renda e ao contexto socioeconômico no qual os indivíduos estão inseridos, o que aponta para um desafio no processo de inclusão de parte significativa dos brasileiros na população leitora; Em geral, embora tenha aumentado o número médio de livros lidos, os leitores continuam reportando uma quantidade maior de livros lidos em parte em relação aos livros inteiros (o que não se repete entre os com renda mais alta, mas sobretudo entre os que têm escolaridade superior, que reportam a leitura de livros lidos inteiros e em partes praticamente na mesma proporção); Outra tendência indicada por essa edição da pesquisa é o aumento da importância dos livros lidos por iniciativa própria em relação aos indicados pela escola, mesmo entre os estudantes. [...]. (IPL, 2016, p. 128).

Observa-se um contraste apresentado pela pesquisa porque, quantitativamente, os brasileiros leem mais; porém, no que diz respeito ao aspecto qualitativo, os livros lidos por inteiro e por parte são reportados na mesma proporção. É importante mencionar que há um aumento no número de livros lidos por iniciativa própria – comparado aos livros indicados pela escola, o que revela o caráter instrumental com o qual a leitura é tratada nas escolas.

Ainda sobre o panorama de leitores relacionado à pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, algumas reflexões podem ser feitas a partir das seguintes constatações:

promover ações de fomento ao livro e à leitura. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

⁷ Empresa de pesquisas de opinião, política e mercado que funcionou até janeiro de 2021, quando encerrou suas atividades depois de 79 anos sob o controle da família Montenegro.

A leitura de outros materiais, como jornais, é mais frequente que a leitura de livros propriamente dita. Os mais escolarizados leem relativamente mais que os menos escolarizados todos os tipos de material de leitura abordados na pesquisa, indicando uma diferença não apenas quantitativa, mas também qualitativa, dada a diversidade de materiais com a qual esses indivíduos têm contato. Livros religiosos (principalmente a Bíblia), seguem sendo os tipos mais lidos pelos brasileiros, independente do fato de estarem estudando ou não, embora os estudantes tenham contato com tipos de materiais mais variados que os não estudantes. O mesmo ocorre com os mais escolarizados. Assim como observado nas edições anteriores da pesquisa, a maior parte dos brasileiros lê no domicílio, embora a leitura em outros locais, sobretudo locais públicos e em trânsito, comece a ganhar importância, o que pode estar associado à leitura em plataformas digitais (pela facilidade de armazenar e transportar os conteúdos em equipamentos que já estão incorporados ao cotidiano dos indivíduos, principalmente o telefone celular). E é exatamente a população adulta a que mais lê nesses locais. Já a população com renda mais alta lê mais em praticamente todos os locais pesquisados; [...]. (IPL, 2016, p. 129).

Observa-se que a leitura informativa de meios como os jornais torna-se mais frequente entre as pessoas pesquisadas, sendo que os mais escolarizados se mostraram adeptos à leitura de todos os materiais de leitura trazidos na pesquisa. A Bíblia – assim como os livros religiosos – seguem como os mais lidos pela população brasileira, mesmo entre os estudantes, tendo em vista que eles têm acesso a uma variedade maior de material.

Constata-se que, assim como nas edições anteriores, a maior parte das pessoas pesquisadas leem em casa, sendo que a quantidade de pessoas que o faz em locais públicos e em trânsito tem aumentado. Isso pode estar relacionado ao acesso da leitura por meio de plataformas digitais, bem como ao aumento de período diário depreendido neste trânsito e/ou redução de tempo específico para a leitura. Um dado significativo que a pesquisa revela é que a população com maior renda lê em praticamente todos os locais, o que evidencia o caráter complexo relacionado à leitura no Brasil e, infelizmente, sua indissociabilidade do fator socioeconômico.

Vale ressaltar que a opção por refletir sobre os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* levou em consideração a sua relevância e seu prestígio no âmbito nacional, assim como, sua ampla amostragem, e que os dados trazidos não são considerados confrontáveis, isto é, não são vistos como viés único de análise no que diz respeito à leitura no Brasil.

Traz-se à baila a necessidade de abordagem do texto de maneira complexa, ao contrário do que costumeiramente ainda acontece nas escolas: um mero instrumento de estudos sobre estruturas de uma determinada língua, um acessório, ou prática associada ao puro deleite, o que passa a minimizar a sua envergadura e potencialidade. Esta pesquisa parte da premissa que a abordagem do texto literário deve estar sempre mais próxima da manifestação crítica humana,

em sua forma legítima de comunicação fluída, construção e acúmulo de saberes que perpassam a ação do indivíduo no mundo.

O prazer proporcionado pela leitura, erroneamente confundido como um “erotismo da narrativa”, incorre no risco de minimizá-la, tornando-a um elemento estéreo àquilo ao qual lhe é mais próprio como sua ligação ao meio de onde ela se origina e dialoga. O real “prazer do texto”, que trazido para análise, pressupõe uma leitura que vá além da curiosidade ou sensações proporcionadas pelo ato da leitura, uma ação que esteja pautada no prazer intelectual que vise à problematização das informações presentes no texto, a fim de se alcançar o seu sentido mais próprio.

Sobre a necessidade da abordagem crítica do texto, Barthes (1987) reitera:

Nem a cultura nem a sua destruição são eróticas; é a fenda entre uma e outra que se torna erótica. O prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, [quando] goza (p. 12).

Atendo-se ao que foi revelado por Barthes (1987), infere-se que a fragmentação no ensino de leitura, que não leve a cabo os preceitos do letramento literário, favorece um tipo de análise pouco desafiadora da obra, causando a desmotivação do leitor em formação por deixar de lado a complexidade da qual a obra se constitui.

Infere-se que a abordagem crítica, que implica no letramento literário dos leitores, exige que o professor mediador, em comunhão com o leitor, promova o despertar epifânico⁷ necessário, desencadeando um prazer que vá além do deleite e/ou contemplação da obra, mas o prazer intelectual oriundo do “estranhamento da obra” e a busca pelo conhecimento daquilo que é inerente a ela, citando aqui o seu aspecto sociopolítico-econômico.

Parte da premissa que há uma “lacuna” na formação do leitor literário passível de ser preenchida pelo ensino de literatura que atenda não às demandas do mundo tecnicista pós-contemporâneo, todavia, possibilite ao leitor sua formação crítica significativa, para atuar de maneira ativa frente as anuências do mundo que o cerca. Então, como pensar na abordagem do texto literário de modo a ultrapassar os limites da formação de mão de obra acrílica ou da formação para o mercado de trabalho se ninguém está imune a isso?

Essa provocação passa a ser ainda mais aceitável ao pensar no sujeito que cada vez mais

8 “FIG Manifestação intuitiva da realidade, geralmente através de uma situação inesperada” *In: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/epifania/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

Absorvido por aquilo que faz (o que pode ser atribuído entre outras questões à submissão da natureza ao *modus operandi* da técnica), tende a distanciá-lo, inclusive, da apropriação e aprimoramento de sua leitura.

No que tange à formação leitora, há de se considerar que o aprendizado da leitura – visto do seu viés funcional – pode ser tratado tanto como meio de segregação como de libertação do indivíduo, pois, ao estar inserido numa sociedade grafocêntrica, na qual as formas de acesso e de produção do conhecimento são fundamentadas na leitura e escrita, traz à tona o fato de que tanto a inserção como exclusão dos sujeitos nas mais diversas camadas sociais estão inerentemente relacionados a essas habilidades.

Ao tratar deste bem indispensável para o homem, a leitura: um meio de inclusão (ou segregação – enquanto possibilidade – dos indivíduos), e a linha tênue que as separa, Candido (2017) escreve:

Nas sociedades que procuram estabelecer regimes igualitários, o pressuposto é que todos devem ter a possibilidade de passar dos níveis populares para os níveis eruditos como consequência normal da transformação de estrutura, prevendo-se a elevação sensível da capacidade de cada um graças à aquisição cada vez maior de conhecimentos e experiências. Nas sociedades que mantêm a desigualdade como norma, e é o caso da nossa, podem ocorrer movimentos e medidas, de caráter público ou privado, para diminuir o abismo entre os níveis e fazer chegar ao povo os produtos eruditos (CANDIDO, 2017, p. 190).

Dito isso, um olhar aprofundado sobre a escola, em especial, no que diz respeito ao seu papel determinante na constituição de uma sociedade minimamente justa socioeconomicamente, faz-se perceber o longo caminho repleto de desafios a serem encarados para que se vislumbre em alguma medida tal objetivo, já que numa sociedade que não tenha como objetivo sanar esses abismos, a educação de qualidade – ou a inexistência dessa – pontua como um dos, ou quiçá, o principal instrumento de manutenção do *status quo*.

Em contrapartida, infere-se que seja nesse aspecto contraditório da educação, em particular no ensino de leitura (porque a leitura é uma manifestação humana), que professores e alunos encontrem brechas que os possibilitem agir nessas ou dentro destas mesmas contradições, partindo do reconhecimento delas.

Sobre a ascensão – enquanto possibilidade – da classe subalterna frente aos obstáculos promovidos pela contradição, na qual os grandes meios de propagação de hegemonias como escolas e grandes mídias estão a serviço das forças dominantes, Frigotto (2008) elucida:

Isto significa a existência de uma imensa heterogeneidade de formas de inserção social, de consciência e de interesses. Sob esta realidade existencial as representações da classe dominante constituem-se num fermento permanente no senso comum destes grupos sociais subalternos. É neste chão do senso comum, que se explicita por uma mosaico contraditório de representações, que os intelectuais de novo tipo, de que nos fala Gramsci (1978), podem desenvolver e elevar a cultura e a consciência destes grupos (p. 55).

Esse aspecto contraditório próprio da escola pode ser encarado como a contradição própria da realidade na qual os sujeitos estão inseridos, visto que a contradição é também uma característica humana. Posto isso, aprender a ler deve ser encarado como uma prática transdisciplinar, que inserida no seu contexto sociopolítico passa a se desenvolver junto a outros aprendizados que compõem a vida do aluno por meio de relações – nunca pela soma delas. Sobre os perigos de tratar a escola como ambiente isento do contexto social no qual está inserida, Foucambert (1989, p. 99) disserta:

Tanto mais que o perigo não se limita em frear qualquer evolução. Tratar as crianças como indivíduos em gestação porque estão na escola significa ver nelas uma parte viva do corpo social, capaz de expectativas e projetos em relação ao conjunto dessa sociedade. Assim, são mantidos fora da escola os aspectos mais essenciais que o real propõe ao corpo social, aos indivíduos e necessariamente às crianças. A violência, o racismo, a miséria, o trabalho alienante, as cidades-dormitório, o consumismo para esquecer – a escola funciona como se tudo isso não existisse, como se, antes de tudo, fosse preciso armar as crianças para que ela enfrente a realidade.

Logo, destaca-se a escola como o espaço onde, em tese, a formação leitora acontece de maneira sistematizada e como reiteram Zilberman e Theodoro (1992, p. 16), no caso da leitura também “repercute no comportamento do professor e, portanto, no espaço por onde começa a trajetória do indivíduo na situação de leitor: a sala de aula”.

É mister destacar que a atuação do professor e envolvidos que tenham como propósito a formação crítica; que busque a participação ativa de seus alunos; que promova a transmissão da herança cultural inerente ao aprendizado de leitura, deve estar pautada na missão da escola de salvaguardar esses valores (também) externos a ela.

É postulado que a discussão sobre leitura no Brasil atravessa múltiplas questões como o aspecto social, econômico e cultural, além de tópicos como alfabetização, letramento, alfabetismo funcional, práticas docentes e família. Sobre as óticas pelas quais a leitura pode ser discutida, Britto (2012) discorre:

A posse da escrita, na sociedade de classes, está desigualmente distribuída. Quem mais domina e faz mais uso dela são os grupos que detêm o poder econômico e político. Em toda a sua história, a escrita e os bens culturais que veicula foram controlados pelos grupos dominantes, ainda que sempre tenha havido disputas e rupturas (BRITTO, 2012, p. 88).

É ressaltado que não por acaso o uso e rumos que a escrita tem tomado se devem ao modo como a sociedade de classes está posta, considerando que o desenvolvimento e a expansão do uso da escrita estão vinculados, inclusive, às necessidades imediatistas e tecnicistas da formação de mão de obra não pensante para atender aos meios de produção.

3 LEITURA SOB O VIÉS DO LETRAMENTO LITERÁRIO E DA HUMANIZAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Tendo em vista a amplidão da problemática do ensino de leitura, esta produção concentra-se na discussão sobre este ensino pautado no letramento literário, na perspectiva de desenvolver no leitor não apenas a habilidade de identificação e compreensão do signo, como também de experienciar as práticas relacionadas ao seu contexto social (e ao contexto de leitura), indissociáveis que são.

Em relação ao tema “leitura e letramento literário”, a análise proposta aqui contribui com a área dos estudos literários, particularmente no que se refere ao trato com o texto literário no espaço escolar, acreditando que sirva como meio de divulgação científica, levando em conta a sua relevância para a formação de leitores. Quanto aos estudos linguísticos, contribui com a área de Linguística Aplicada ao discutir o ensino de literatura ou educação literária. Essa aproximação dessas duas áreas já era defendida por Marisa Lajolo nos anos de 1980 e 1990, que dentro do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), realizava pesquisas e discussões que criavam vínculos com a educação⁸ (NEVES, 2021).

Parte-se aqui da premissa que o texto literário - aliado a práticas de letramento literário - proporciona ao leitor a busca no próprio texto por representações que proporcionem a ele uma abertura para experimentar e compreender o mundo por outros olhares que não os dele, humanizando-se. E nesta seção, reflete-se sobre a perspectiva da leitura sob o viés do letramento literário e como este favorece a humanização.

9 Considerações sobre leitura e letramento literário

Após refletir na seção 2 sobre os vieses da leitura e sua realidade no Brasil, faz-se pertinente pensá-la sob a perspectiva dos conceitos do letramento, e aqui, mais especificamente, no diálogo possível entre letramento, escola e a alfabetização e então com o texto literário. Primeiramente, é oportuno localizar o termo letramento e suas discussões mais recentes. Propõe-se discutir o significado do termo indo além do cânone, da tradição, podendo ser

10 Segundo Neves (2021), além de Lajolo, os docentes Haquira Osakabe e Enid Yatsuda Frederico também teciam essa aproximação entre teoria e crítica literárias e questões envolvendo ensino de literatura ou educação literária.

Concebido como uma prática social da escrita, a tão reivindicada leitura como premissa *sine qua non* (PAULINO; COSSON, 2009).

Cabe destacar o aspecto de vanguarda trazido pelo termo letramento, que muito recentemente passou a compor os estudos relacionados à leitura, inclusive os que tratam da formação – ininterrupta – do leitor.

O termo tem suas primeiras acepções vinculadas à Mary Kato, no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986). Em anos subsequentes, outros estudiosos⁹ passaram a utilizar o termo com novos contornos e ampliando as reflexões. Todavia, as definições dadas a ele se aproximam do conceito de práticas sociais de leitura e escrita. Outras áreas do conhecimento também começaram a adotá-lo com a perspectiva de práticas sociais: letramento matemático, acadêmico, digital etc.

Aqui, objetiva-se refletir sobre as práticas do letramento literário, suas condições e sua relação com o espaço escolar. Para tal, trazem-se também questões sobre letramento (em acepção linguística) como aquisição e domínio da linguagem no processo de escolarização.

Dentre outras questões relacionadas à palavra “letramento”, faz-se notar algumas distorções relacionadas ao seu emprego, e, fazendo menção a esse mal-entendido, Soares (2014) escreve:

Em um primeiro momento, gostaria de fazer um “passeio” pelo campo semântico em que se inserem essas palavras, esses conceitos. São palavras de uso comum, conhecidas, exceto talvez *letramento*, palavra ainda desconhecida ou mal-entendida, ou ainda não plenamente compreendida pela maioria das pessoas, porque é palavra que entrou na nossa língua há muito pouco tempo (SOARES, 2014, p. 29).

A pedagogia crítica freireana argumenta que “letramento” é um ato de conhecimento, reiterando que a libertação do indivíduo, no que se refere à sua emancipação, é possível, desde que a educação promova o desenvolvimento da capacidade de leitura relacionada tanto ao mundo quanto à palavra (FREIRE, 2009).

Tecendo observações sobre o conceito de alfabetização e letramento, e as suas diferenças fundamentais, Soares (2014) disserta:

11 No artigo “Letramento: um fenômeno plural”, Silva e Araújo (2012) citam a sequencialidade de autores e obras que passam a adotar o termo letramento: Tfouni (1988), Kleiman (1995), Soares (1998), Rojo (1998), Marcuschi (2001), Mortatti (2004), Kleiman; Matêncio (2005), Corrêa; Boch (2006), Rojo (2009), Mollica; Leal (2009), Arantes; Leite; Colello (2010).

Retomemos a grande diferença entre *alfabetização* e *letramento*, entre *alfabetizado* e *letrado* [se necessário, reveja as pp. 36, 38]: um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2014, p. 39-40).

Note-se que um desses desentendimentos está em empregar a palavra “letramento” como sinônimo de alfabetização. Sobre o tema em questão, Silva *et al.* (2014) declara:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, de instrução formal. A alfabetização pertence assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escritura de maneira restrita e generalizada [...]. O letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social (SILVA *et al.*, 2014, p. 13).

Dentre as nuances existentes entre o processo de alfabetização e do letramento destaca-se o posicionamento ativo do sujeito letrado criticamente, pois o fenômeno de letramento é, e, em especial, o letramento literário, uma forma de se posicionar ativamente, fazendo uso do conhecimento previamente adquirido no contato com textos literários.

Nos pressupostos do letramento literário, as atenções estão voltadas tanto para os indivíduos não alfabetizados quanto para os alfabetizados, uma vez que na introdução do tema “letramento” nos estudos sobre leitura investiga-se, inclusive, a condição de uso de quem adquiriu as habilidades de escrita. Ou seja, a forma como as práticas de escrita e leitura são aplicadas no dia a dia do leitor, e ainda esmiuçam as consequências disso na sua forma de agir em relação ao mundo e/ou ao outro. Nessa perspectiva, Britto (2012) afirma que:

O ensino e aprendizagem da leitura e da escrita fazem parte das atividades de todas as disciplinas (donde o caráter transdisciplinar dessa aprendizagem). Deve-se propor ao educando não apenas a informação, mas a busca através do texto escrito. A própria atividade de organização do conhecimento deve ser escrita, cabendo aos professores de todas as disciplinas o trabalho organizado com a leitura e a redação (BRITTO, 2012, p. 94).

O caráter transdisciplinar da linguagem faz da leitura o próprio elo entre conhecimento e indivíduo, é a emancipação do leitor pelo domínio do processo de letramento, possibilitando-o atuar ativamente frente aos desafios que o cerca, passando a exercer o papel ativo de sujeito

transformador de sua realidade, o que faz pensar que a apropriação do texto é atemporal, diferente da alfabetização que atende a uma fase inicial e elementar da vida do leitor.

Soares (2014, p. 58) – alertando a respeito da importância de condições para o letramento – aponta que a “primeira condição é que haja escolarização real e efetiva da população. Segundo ela, só nos demos conta da necessidade de *letramento* quando o acesso à escolaridade se ampliou e tivemos mais pessoas sabendo ler e escrever, passando a aspirar a um pouco mais do que simplesmente aprender a ler e a escrever”.

Ao nos atermos ao termo “escolarização”, utilizado pela autora, não devemos confundir-lo com a escolarização tradicional que mais deturpa a literatura encerrando-a como um fim em si mesmo. Ademais, muitas vezes o texto literário é transformado em um objeto de ensino de gramática (ZILBERMAN, 2009), perdendo (ou se perdendo) pelo caminho seu “estatuto particularmente privilegiado no seio das atividades semióticas” (TODOROV, 2009, p. 52). Todorov defende a literatura como um “agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre a vida íntima e pública” (2009, p. 23-4).

Não podendo desvincular da ideia de que a leitura acontece dentro desses vários espaços sociais, e a relação desses espaços com a formação do leitor, sobre as três instâncias (conhecimento, mercado e ensino) Paulino (2007) acrescenta:

Tal formação, estando relacionada à vida social, jamais se desligaria por completo de instituições como a escola e de instâncias como o mercado. Mesmo quando negados, tanto a escola, com seus rituais e seus mediadores de leitura, às vezes inadequados, quanto o mercado, com a transformação da arte em mercadorias encomendadas, propagandeadas, patrocinadas, vendidas e compradas, compõem a instituição literária, no nível da produção e no de sua recepção concreta (PAULINO, 2007, p. 146).

É leviano pensar no processo de letramento literário como algo que ocorre somente na sala de aula, haja vista que a apropriação das palavras como forma de experienciar o mundo é concebida nos vários espaços onde o sujeito se faz inserido, o que não apaga o fato desse fenômeno ser promovido de forma mais acintosa no ambiente escolar.

É urgente que a escola, e tratando aqui de maneira mais específica a sala de aula de literatura, assuma o papel de local fértil e propício à abordagem de temas críticos, tendo como pressuposto a prática de letramento como meio indispensável para se abordar a obra literária nas aulas de literatura.

Ao abordar o letramento, é mister que se discuta o que é o sujeito letrado. Sobre o que está em jogo no letramento crítico, em especial no que trata do sujeito crítico, Pennycook

[...] discute quatro sentidos do que é ser crítico. O primeiro é usado no pensamento crítico e consiste em empregar procedimentos racionais de questionamento para tentar criar uma distância objetiva e identificar tendenciosidade ou falta de lógica, sendo falho em relacionar seus questionamentos a uma agenda social mais ampla. O segundo vincula a linguagem ao contexto social, uma reação ao objetivismo abstrato, mas ainda sem uma visão de crítica social. O terceiro, incorporando uma crítica social explícita, tenta mudar as condições sociais e o entendimento que se tem sobre elas; tem como pontos fracos pressupostos estáticos sobre as relações sociopolíticas e crenças na conscientização da desigualdade como um passo para a emancipação racional. O quarto é uma forma de problematização da prática, perspectiva que põem em xeque as categorias usadas para compreender o mundo e os pressupostos sobre conscientização, racionalidade, emancipação etc.; seu ponto negativo é o constante autoquestionamento, o que impede o estabelecimento de fundamentos sólidos capazes de articular qualquer posicionamento político claro (PENNYCOOK *apud* PESSOA; URZÉDA-FREITAS, 2012, p. 59).

Observa-se, dentre outras questões, que todo o conhecimento, partindo do pressuposto da abordagem crítica, passa a ser encarado como parcial, intencional, tendencioso. Ao identificar essas lacunas, o leitor percebe que o conhecimento adquirido não deve ser encarado como algo consagrado e sublime e que não seja passível de contestações. Nesse sentido, propõe-se fazer, inclusive, a crítica da crítica, pois mesmo o sentido do que é “ser crítico” não é um conceito estático e engessado.

Partindo do princípio de que a obra não deva ser abordada sem que se proporcione, de modo mais sistematizado nas aulas de ensino de leitura, uma atmosfera propícia à problematização, infere-se que a leitura de uma obra literária não pode se dar ao luxo de ser considerada como algo pronto e acabado – do ponto de vista histórico – já que o fluxo de consciência criado pelos leitores/mediadores coloca em xeque questões que estão presentes no cotidiano dos leitores e dos próprios professores, que trata do aspecto verossímil do texto literário.

Sobre a fecundidade e a inevitabilidade da língua, recurso pelo qual os diferentes grupos questionam, agem e constroem o mundo, a sua própria consciência do mundo e de si, Britto (2012) escreve:

A língua não é um hábito que se exercita nem um jogo em que se entra e sai, tampouco é uma roupa que se veste conforme a ocasião. É uma totalidade que, constituída na história humana, institui os sujeitos, sendo marca de identidade, condição de pensamento, modo fundamental de relacionamento e de intervenção no mundo (BRITTO, 2012, p. 63).

Se o próprio pensamento é constituído por palavras, é passível de se considerar que o desenvolvimento do pensamento crítico que se dá pela análise crítica da obra é também a busca

em entender como o outro pensa. Daí se abre um leque de possibilidades de ver o mundo sob outras perspectivas, mesmo ainda estando dentro da sala de aula, por meio de comparações entre leitor e o outro que é apresentado a ele por meio do texto. A identificação das diferenças inerentes aos indivíduos, conscientiza o sujeito letrado pelo elo com seus próprios interesses e limites. A escola, materializada na leitura, é uma “porta para o mundo”, porém essa mesma porta necessita ser “aberta”.

Ao se questionar sobre o modo de ler da leitura literária que possa conduzir o leitor ao conhecimento do humano, Cosson (2020, p. 17) aponta que os “caminhos da resposta passam pelos quatro elementos – leitor, autor, texto e contexto – e os três objetos – texto, contexto e intertexto – que constituem o diverso e multifacetado diálogo da leitura”.

Um ponto que chama atenção nos argumentos do autor é a inviabilidade do texto ser concebido como isento de seu contexto, que se estende da criação à leitura. Desta forma, ler é estabelecer um diálogo vivo com pessoas, povos, e entidades que talvez estejam mais vivos, ou seja, esses diálogos podem ser estabelecidos inclusive com o passado.

Com uma concepção mais ampla, Zappone (2008, p. 31) menciona que são práticas de letramento literário “a audiência de novelas, séries, filmes televisivos, o próprio cinema, em alguns casos a Internet, a contação de histórias populares, de anedotas, etc.”; ou seja, ela também inclui nesse conjunto todas aquelas práticas que usam a escrita literária, que possuem traços de ficcionalidade.

Dialogando sobre o conceito de letramento literário, Paulino e Cosson (2009, p. 67) o colocam como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Infere-se que todas as bases que constituem a obra literária estão relacionadas ao sentido que ela ganha no contato com o leitor.

A fragmentação levada a cabo pela economia de mercado (aos moldes capitalistas) transcende o campo econômico, povoando os mais diversos campos do fazer humano, como o da educação influenciando no perfil de leitor de um determinado meio. A título de exemplo, destaca-se a fragmentação entre a formação para o trabalho intelectual e a formação para produção de mão de obra tecnicista. A inoperância relacionada à formação de leitores pode ser tratada não só como resultado, mas como próprio meio “projeto” de perpetuação do *status quo*.

Referindo-se texto como demanda de mercado, escrito de maneira explícita (literatura de massa), que causa um certo distanciamento do texto com a realidade do leitor, e a leitura que se preocupa com o desvelamento dos mecanismos do texto, a chamada “leitura de investigação”, Cosson (2009) elucida:

Trata-se de um modo de ler que demanda a aprendizagem de determinadas estratégias de leitura, ou seja, o leitor precisa desenvolver uma competência para realizar essa leitura. Os seus procedimentos envolvem, ainda que nem sempre claramente explicitados, teorias ou pressupostos que orientam o tratamento analítico do texto dentro de determinadas perspectivas críticas (COSSON, 2009, p. 41).

Acrescenta-se que a leitura do texto, se não visar ao letramento dos envolvidos, passa a desvinculá-la de seu contexto de criação, o que conseqüentemente dificulta sua problematização. Há de se destacar a importância e a necessidade das produções que abordam o tema leitura na escola, e, mais especificamente, da leitura do texto literário.

Ler vai além de um hábito; a leitura é entendida, portanto, como uma prática social, que perpassa o próprio indivíduo, ressignifica-o amparada na crítica social, e provido por práticas pedagógicas que impliquem no domínio da dimensão social do texto.

Sobre essa apropriação da leitura oriunda da prática de letramento, Cosson (2018) aponta três modos ou etapas que a constituem, sendo: “a antecipação”, trata-se de operações prévias que o leitor faz antes de mergulhar no texto propriamente dito; “a decifração”, como o próprio nome sugere se trata do ingressar no texto pela própria palavra, a decifração com fluidez ou não a depender de sua familiaridade com a leitura, e por fim alcança-se; e “a interpretação”, que se refere às relações estabelecidas pelo leitor ao processar o texto, tendo como centro desse processamento o conhecimento de mundo utilizado pelo leitor para negociar os sentidos do texto dialogicamente entre autor, texto e comunidade (COSSON, 2018).

Nessas etapas apontadas pelo autor como constituintes do letramento literário, consideram-se importantes tanto as informações contextuais trazidas no texto como as que fazem parte dos conhecimentos prévios dos alunos, havendo uma negociação de sentidos que vai além do texto escrito propriamente dito.

À vista disso, entende-se que discutir os temas críticos elencados nas obras literárias é parte de um processo de ressignificação do texto escrito pelos homens, o que lhes proporciona ler o mundo e a si próprio – pelo texto do outro. É na leitura não mais solitária que o leitor busca, além do sentido da obra, compreender o seu contexto e inevitavelmente estabelecer comparações com o seu próprio modo de existir no mundo.

Ao considerar a leitura de mundo e *mutatis mutandis* outras formas de ver e se relacionar com os entes intramundanos, em particular o contato com o texto literário ao qual o leitor é exposto, o leitor se apropria do modo particular de sentidos que o texto literário ostenta, evidenciando a consumação de seu letramento crítico literário. Ainda, nessa linha, tendo como base pedagógica as práticas de letramento, do professor/mediador espera-se que ao abordar o

texto, busque as pistas e estruturas das quais é carregado, contextualizando-as estando atento às suas especificidades.

Ao inferir que a obra literária – concebida como expressão da arte pela linguagem – é uma manifestação viva do sujeito, evidencia-se a necessidade de uma abordagem que elenque essas questões, tendo em vista que as marcas particulares de cada texto devem ser potencializadas no momento da aula, e que vise à promoção da leitura crítica. Tal assertiva se justifica quando se passa a considerar a obra literária como verdadeiro meio de sensibilização e, conseqüentemente, de humanização do leitor.

A necessidade da abordagem dos temas sociais trazidos pelo texto literário a lume do letramento literário torna-se determinante, pois se considerar que tudo que é escrito é feito por um sujeito, e que esse é dotado de crenças, paixões, ideologias e convicções, cabe ao leitor letrado criticamente assumir uma postura ativa em relação ao que ele lê. No que se refere à relação entre obras literárias e as intenções de quem as escreve, considera-se que o texto está embrenhado das peculiaridades de quem as escreve, representando, também, as ideias de um grupo do qual esse sujeito faça parte.

Trata-se não apenas de se identificar as intenções e crenças por trás da obra, mas de desenvolver um olhar crítico frente às intenções de quem a escreve como fator precedente à própria escrita. Nesse sentido, a desvinculação do ensino de Literatura dos temas críticos, tais como as discussões que tratam de gênero, classe e religião, leva a uma inevitável desmotivação por parte do protagonista do processo de ensino, o leitor. Além do mais, a aula desvinculada de temas que circundam a vida do aluno perde o seu viés social e problematizador, sendo este um aspecto atrativo do prazer estético da obra.

Em relação ao ensino de leitura literária, sabe-se que um percentual considerável das mazelas relacionadas à educação assume aspectos contraditórios e, por isso, pouco estimulantes. Entretanto, é por ser contraditório que permite aos envolvidos agirem dentro destas mesmas contradições, pois as obras literárias inseridas nesse contexto incoerente ganham campo, podendo revelar suas contradições.

Sobre o aspecto contraditório do sistema educacional, Hooks (2013, p. 56) registra que “à medida que a sala de aula se torna mais diversa, os professores têm de enfrentar o modo como a política da dominação se reproduz no contexto educacional. Os alunos brancos e homens, por exemplo, continuam sendo os que mais falam em nossas aulas”.

Quem estaria mais interessado em discutir temas críticos e controversos em sala de aula que o sujeito oprimido? Cabe agora discutir maneiras que possam proporcionar a esses sujeitos momentos propícios à discussão e ao debate em sala de aula. O ponto de partida é considerar

as aulas – e tratando aqui das aulas de leitura – com ambiente que oferece uma atmosfera favorável para que os alunos se sintam confortáveis para discutir e problematizar os assuntos de cunho crítico, tendo em vista o papel indispensável do professor como mediador dessas discussões.

O cuidado com a leitura literária em circunstâncias e atividades acríicas destoa de todas as especificidades que lhes são próprias. Ademais, dentre os fatores que contribuem para a inoperância e o desinteresse pela leitura – comumente demonstrado nos discursos dos alunos, de todos os níveis de ensino – acentuam-se os mitos e as narrativas aos quais as práticas de leitura são constantemente associadas como: a do “prazer sublime” da leitura. Isso confere à leitura literária um aspecto quase emotivo, por vezes contemplativo, construindo uma imagem do leitor contemplador, que nessa apreciação passiva, torna-se mero espectador, alheio à construção de sentido.

Ademais, a prática de leitura literária exige (também) formação e rigor acadêmico por parte de quem a exerce. Ao passo em que se identificam essas demandas, poder-se-ia identificar, inclusive, as características mais próprias da leitura. Em outras palavras, isso é o que pode diferenciar a leitura escrita da leitura de outras diferentes formas de textos, como a leitura de um quadro, leitura de mão etc. Tem-se em vista que ao tentar apreender o conceito de leitura, não se pode perder de vista o que lhe é próprio, o que a difere de outros atos menos complexos.

Ao tratar da função da leitura (escrita), há de se ter uma atenção em “como” a leitura literária é posta aos alunos, antes de uma atividade de leitura compartilhada, por exemplo, já que se trata de uma atividade distinta de uma atividade lúdica, e que exige perseverança e esforço, fazendo-se necessário salientar que “o prazer” que advém da leitura nada tem a ver com lazer, ou algo que a torne uma atividade menos penosa e disciplinada (BRITTO, 2012).

As polarizações conceituais, que historicamente deram o tom das práticas de leitura literária, desenvolvidas pelos professores sistematicamente (enquanto formadores de leitores) em sala de aula, fortalecem os mitos que a veem como mera obrigatoriedade do consumo de obras a serem avaliadas num exame institucional, resultando em práticas de mediação pouco estimulantes por parte dos professores, incorrendo numa leitura pouco ‘desafiadora’ e significativa. Por esse motivo, ganha a forma de prática meramente “sublime”, que tem como busca nada além do prazer estético, reduzindo-a ao puro deleite ou imanência do gosto, liberdade de escolha e consumo do material lido.

Pontua-se, que as demandas às quais o professor é submetido são indissociáveis ao fato da sociedade pós-contemporânea ser, amiúde, fustigada por uma corpulenta quantidade de (des)informações disseminadas simultânea e ininterruptamente, o que, em boa medida,

contribui tanto para a perpetuação dos mitos relacionados à leitura quanto à formação acrítica de leitores.

10.2 Leitura literária e o processo de humanização

Para ambientação do leitor, e fixação do conceito, é importante esclarecer que o conceito de humanização apresentado aqui está assentado na perspectiva candidiana que defende que o processo de interação com o outro através da literatura desperta e confirma traços humanos essenciais, desenvolvendo “em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (CANDIDO, 2017, p. 180). Segue-se a compreensão expressa por Cosson (2018, p. 23) para quem:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

O autor defende que os textos literários circundantes nas esferas sociais precisam estar envolvidos no processo de letramento literário, o que favorece e integra o processo humanizador inerente à literatura. Também na perspectiva de elucidar sobre o que a literatura provoca em nós, Todorov (2009, p. 23-4) menciona:

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 23-24).

No entanto, para que a literatura desperte e desenvolva o processo de humanização, precisa existir enquanto objeto cultural da sociedade. O hábito social da leitura precisa fazer parte da vida do leitor, uma forma de afirmação da leitura enquanto processo, que necessita ser entendido como algo que está inserido, influencia e é influenciado pelo seu cenário.

Assim, ações pedagógicas com vistas a alcançar o letramento literário fazem-se importantes, especialmente, no que se refere à necessidade de dar ao ensino de leitura um

significado para o leitor, não perdendo de vista a vertente humanizadora a qual a literatura ostenta.

Abordar o texto literário de forma acrítica reduz sua abordagem a uma repetição de conceitos (ou à vã afirmação de autores) que anestesia o olhar crítico do leitor, e deslegitima o fenômeno literário, tal qual a sua amplitude e capacidade de transgredir os muros da escola. Dessa forma, fatores sociais, econômicos e culturais que permeiam as discussões que tratam da leitura na escola demonstram que os problemas relacionados a determinados contextos têm as suas particularidades, tratando das nuances de cada meio social onde as escolas estão inseridas e o seu papel transformador frente a essas realidades. Segundo Zilberman (1984, p. 42),

A escola, na medida mesma em que trabalha com indivíduos diferentes, vindos de classes diferentes, com valores, crenças, hábitos linguísticos e comportamentais diferentes, é também um campo de batalha – luta de ideias e de linguagens, como expressão da luta de classes.

Ao estabelecer uma atmosfera problematizadora para o ensino de leitura, a escola encerra elementos fundamentais para formação emancipadora do leitor enquanto ser que consegue assumir uma postura ativa em relação ao meio no qual está inserido. A formação crítica torna o leitor apto para agir dentro das contradições às quais ele está inserido, e foi, desde sempre, assujeitado. E, o resgate da sensibilidade que possibilita o questionamento do mundo e o desejo de mudança da condição de mediocridade a que o ser humano é tantas vezes submetido.

Também na defesa do processo humanizador da literatura, Morin (2003, p. 49) registra que “na literatura que o ensino sobre a condição humana pode adquirir forma vívida e ativa, para esclarecer cada um sobre sua própria vida”. Para ele, ela tem o poder de “reformular o nosso pensamento”, além de oportunizar contato com outras formas de experiência humana e de conhecimento, favorecendo à criação de novas possibilidades, modificando nossa forma de pensar, ligando o que estava desligado e incluindo a incerteza, a complexidade.

No entanto, segundo o autor, para tal oportunidade faz-se necessária uma reforma no ensino de literatura e que “é preciso restituir-lhe sua virtude plena” (MORIN, 2003, p. 43) e não considerá-la apenas, nem principalmente, como objeto de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas, sobretudo, “escolas de vida”, em seus múltiplos sentidos. O que defende é o acesso às experiências de vida propiciado pela leitura de textos literários. Ainda, pontua que estes despertam a emoção, a empatia, a estranheza, a alteridade, exercendo seu caráter libertário. Segundo ele, “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia” (MORIN, 2003).

Posicionamento semelhante encontramos em Compagnon (2009, p. 56) quando aponta

que “é tempo de se fazer novamente o elogio da literatura, de protegê-la da depreciação na escola e no mundo”. Além disso, o autor também destaca a “capacidade terapêutica” do texto literário.

Zilberman (1995) e Cosson (2018) também defendem uma mudança de postura no espaço escolar para que realmente a literatura cumpra seu papel humanizador. Afirmam que é preciso “mudar os rumos da sua escolarização, [...] promovendo o letramento literário” (COSSON, 2018, p. 17) e, para tal o papel do professor é crucial. É ele o curador e mediador em sala; seleciona, determina as metodologias, possui acesso aos estudantes. E, com um exercício de realização, é preciso admitir que a leitura “repercute no comportamento do professor e, portanto, no espaço por onde começa a trajetória do indivíduo na situação de leitor: a sala de aula” (ZILBERMAN, 1991, p. 85).

Zilberman ainda registra que à função de formar leitores é delegada às escolas:

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua consequente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (ZILBERMAN, 1991, p. 16).

Parte-se do pressuposto que a humanização, como consequência do contato com o texto, passa ao largo de apenas seguir uma linha com letras e palavras, ou pura decodificação. Trata-se de trazer o leitor para o centro da leitura, em que o leitor estabelece um diálogo com o texto, proporcionando inclusive o espaço necessário para que eles se contradigam entre si. É por meio da lucidez operacional, desenvolvendo, inclusive, a crítica da crítica (autodenúncia) que o sujeito se reconhece como tal, e conseqüentemente se humaniza.

O autor também se atém à narrativa literária, alegando que ela seja aquilo que mais se aproxima do traquejo humano vivido e experienciado no dia a dia. Nesse sentido, é indispensável que seja criada uma atmosfera problematizadora no momento das aulas que envolvem o ensino de leitura, inclusive as aulas que se dediquem a trabalhar obras e textos literários, como é o caso das aulas de literatura.

Se existe literatura em todas as partes ocupadas pelos homens, sendo sua necessidade fundamental, cabe discuti-la como um direito universal do homem. Candido (2017, p. 193) argumenta que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis, é um direito inalienável”.

Considerando a literatura como produção da fabulação do homem, meio de existência indispensável e conferida a todos, Marx e Engels (1989) postulam que é essa produção

(material, intelectual) que os distingue dos outros animais:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo que queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais assim que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal (MARX; ENGELS, 1989, p. 10).

A literatura origina-se da dialética entre homem e mundo, o fruto humanamente concebido do trânsito entre o sujeito e o que o afeta, o trabalho expressivo que o diferencia dos outros animais, a própria humanização materializada na escrita. Sobre a necessidade poética para compreender a própria realidade, a abertura para a verdade do próprio ser, Candido (2006, p. 64) assim pontua: “O poema ajusta o coração a um novo intuito, sem mudar os desejos eternos do coração humano. Ele faz isto projetando o homem num mundo de fantasia, que é superior à sua realidade presente, ainda não compreendida, e cuja compreensão requer a própria poesia [...]”.

Sobre essa necessidade de fabulação caberia citar o conto *A Aventura de um Leitor*, um dos quinze contos do livro *Os amores difíceis* de Ítalo Calvino, um dos mais importantes escritores italianos do século XX. O conto é ambientado em uma praia de difícil acesso onde Amedeo costumava ir para ler longos romances. Lá conhece uma mulher à qual ele tem que dar atenção, mas ao mesmo tempo não quer parar de ler os capítulos do livro, evidenciando que mesmo Amedeo estando num momento de socialização se vê tentado a mergulhar no mundo da leitura. É uma necessidade da alma que não pode ser preenchida se não pela poesia (CALVINO, 2013).

O texto literário pode proporcionar o equilíbrio entre cultura e natureza, fazendo dos indivíduos cada vez menos alheios de sua totalidade, da alienação derivada, principalmente, da sociedade de consumo que segrega e bestializa.

O ensino de literatura, visto como inerente ao contexto social iníquo, desde a criação de uma obra pode ser encarado como sendo carregado das características desse mesmo contexto, tais como: a desigualdade, pouco acesso das classes menos favorecidas à arte de modo geral, tendo ela o privilégio de poder narrar e documentar seus próprios percalços. Para Candido (2017, p. 188), “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, liberta-nos do caos e, portanto, nos humaniza”.

A obra literária é escrita a partir de uma percepção de mundo própria do autor, estranha à do leitor. No contato entre leitor e texto há uma aproximação a outras novas perspectivas,

outras mundivivências. Perceber as situações sob diferentes perspectivas é um exercício de alteridade, que pode sensibilizar, humanizar, um privilégio que a literatura ostenta.

Ao adotar o letramento literário como meio de abordagem do texto, a obra literária passa a ser encarada como um registro histórico de indivíduos históricos, e a prática do letramento literário em sala de aula proporciona o que pode ser considerado uma arqueologia do saber, ou do conhecimento. Isso porque o leitor crítico passa a “escavar” a obra na busca de indícios de representações sensíveis e próprias de seu contexto social. Sobre o assunto, Bachelard (2009) explica:

O devaneio que queremos estudar é o devaneio poético, um devaneio que a poesia coloca na boa inclinação, aquela que uma consciência em crescimento pode seguir. Esse devaneio é um devaneio que se escreve ou que, pelo menos, se promete escrever. Eleja está diante desse grande universo que é a página em branco. Então as imagens se compõem e se ordenam. O sonhador escuta já os sons da palavra escrita (BACHELARD, 2009, p. 6).

O ser humano, sendo constitutivo do caos, está em constante busca de equilíbrio, de educar seus sentimentos, cabendo às manifestações artísticas, bem como à literatura, auxiliá-lo nesse processo interior, por ser inconsciente. Sobre a manifestação da fabulação assegurada pelo sonho, o devaneio é capaz de causar inculcamento, tanto quanto as formas intencionais, como educação familiar etc. Candido (2017, p. 177) reitera que “deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte do subconsciente e no inconsciente”.

Desde a sua criação, a escrita esteve ligada aos meios de produção de bens que passam a ditar os costumes do homem do decorrer dos tempos. Sobre o estabelecimento da escrita no cotidiano do homem e o que ela passa a representar na vida dos indivíduos, nos dizeres de Zilberman e Theodoro (1992):

Todavia, tão logo criada, a escrita assumiu um caráter distintivo, conferindo àqueles que dominavam a técnica de escrever (ou de desenhar os sinais equivalentes às palavras inteiras, sílabas ou fonemas) um lugar de destaque na sociedade. O escriba foi, até a decadência da civilização micênica, no final do segundo milênio a. C., um indivíduo privilegiado, pois, ainda que proviesse das massas populares livres ou escravas, tinha acesso à vida palaciana, circulava entre a aristocracia e estava próximo à realeza (ZILBERMAN; THEODORO, 1992, p. 11).

Para tratar de assuntos relacionados à leitura, cabe discutir a respeito da relação entre a escola e o meio onde ela está inserida, pois seria leviano pensar em escola sem pensar na estrutura social da qual e com a qual ela se constitui.

Sobre os resultados insatisfatórios relacionados à prática de leitura desempenhada na

escola, em específico ao contexto brasileiro e suas especificidades como o desinteresse perpetuado em relação à literatura, Averbuck (1984, p. 66) assevera que “A poesia e a arte em geral participam de uma área “não lucrativa” onde se inserem as atividades prazerosas e lúdicas, excluídas do programa de vida de uma sociedade voltada para o ganho”.

Segundo a pesquisadora, pode-se vincular o ensino de literatura similarmente ao que acontece no ensino de artes, como algo que perde espaço no ambiente escolar, quando pensado pelo viés emergencial capitalista, do tecnicismo no qual o capital produzido quase sempre está relacionado ao bem material tangível, e não ao sensível.

Tratando do ensino de literatura como algo prático, atendendo aos interesses da sociedade de capital, Candido (1972) pondera:

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 1972, p. 805).

Faz-se necessário discutir as questões sociais às quais o tema “leitura” está visceralmente relacionado. Dito isso, salta aos olhos temas que tratam da desigualdade social que interfere diretamente na constituição do perfil do leitor brasileiro.

A relação entre leitura e sociedade faz parte de um conjunto de relações que permeiam a vida do indivíduo desde as primeiras formas de instrução de ensino. Logo se vê na discussão sobre a estrutura socioeconômica e as suas demandas, um campo fértil para se analisar, inclusive, o desempenho dos leitores os quais a compõem. Sobre a complexidade que o tema “leitura” ostenta, em especial no que se refere à desigualdade social no contexto brasileiro, Buarque (2011) escreve:

O caminho rumo ao futuro desigual começa quando nascem as crianças. Algumas comem, outras não; algumas vão cedo para a escola, outras não; algumas permanecem na escola até a vida adulta, outras não. E, adultas, algumas conseguirão um bom emprego, graças à sua formação, outras não. No Brasil, a escola é a grande fábrica da desigualdade (BUARQUE, 2011, p. 10).

Assim, o autor sistematiza os diferentes caminhos que as pessoas tomam desde crianças, e as consequências deles na vida de cada sujeito, não descartando o papel da escola como reprodutora desses instrumentos de segregação.

Chega a se configurar como ingenuidade pensar que todos desfrutam das mesmas condições tanto de acesso aos meios culturais de consumo, como livros, museus, peças, quanto

de disposição de aparatos intelectuais necessários para elaborar uma análise crítica sobre eles.

Tornam-se cada vez mais genéricas discussões que apontam a necessidade de uma formação crítica do leitor enquanto consumidor de bens que compõem os diversos produtos da cultura de massa. O indivíduo letrado, ao considerar o conhecimento adquirido como parcial, passa a enxergar inclusive que os maiores interessados na manutenção de estruturas econômico-sociais vigentes fazem uso da leitura como um veículo de propagação de ideias, que levam seus ideais de homogeneização de padrões sociais e perpetuação do *status quo* a cabo.

Sobre o desencantamento do homem em relação ao Iluminismo e a sua cultura de massa no contexto pós-guerra, Adorno e Horkheimer (1985) dissertam:

É só por isso que a indústria cultural pode maltratar com tanto sucesso a individualidade, porque nela sempre se reproduziu a fragilidade da sociedade. Nos rostos dos heróis do cinema ou das pessoas privadas, confeccionados segundo o modelo das capas de revistas, dissipa-se uma aparência na qual, de resto, ninguém mais acredita, e o amor por esses modelos de heróis nutre-se da secreta satisfação de estar afinal dispensado de esforço da individuação pelo esforço (mais penoso, é verdade) da imitação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 73).

Faz-se necessário tecer considerações que esclareçam a interface literatura/cultura, já que mesmo o texto literário possuindo características arbitrárias não deixa de sofrer interferências tanto do contexto cultural quanto dos ditames da sua época. Os elementos da chamada “indústria cultural” podem vir a ser modelos hegemônicos imitáveis, porém o indivíduo letrado é capaz de perceber, como ressaltam os autores citados, as influências que esses meios de consumo simbólicos exercem sobre eles. Em contrapartida, há também o contexto no qual o leitor está inserido, e as bases de significado da obra não fazem parte apenas do aspecto linguístico, mas de contextos de criação e recepção que se desvelam no ato da leitura.

Os pressupostos do letramento literário visam à potencialização da habilidade do leitor em acessar, por meio da leitura, as camadas que até então não se mostravam para ele, como acontece na indústria cultural.

Sobre a escola e o papel que lhe é atribuído em relação ao desenvolvimento da consciência coletiva (diga-se humanização) dos leitores, Cosson (2018) pontua:

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, 2018, p. 66).

Deve-se ter em mente que o letramento literário por meio da literatura ultrapassa os

limites da escola, pois é uma prática que se inicia desde a alfabetização e que se estende por toda a vida adulta. O aluno desenvolve práticas de letramento mesmo antes da alfabetização quando escuta uma história, um poema por via oral. Discutindo a respeito, Muggie (2011) discorre:

A escola, mais tarde, de forma gradativa, ampliará o leque de opções dos bens culturais sob a forma de ficção. Assim, a alfabetização é fator fundamental para o processo de letramento. Dito isso, é possível concluir que o papel da escola é relativo, visto que tanto a alfabetização, quanto o letramento, e inclusive o literário, podem se dar fora dela. No entanto, o seu papel torna-se distinto e significativo pela instauração do fazer pedagógico. As ações são pensadas, planejadas, orientadas para assegurar a aprendizagem (MUGGIE, 2011, p. 67-68).

O autor destaca que, mesmo a escola sendo o local onde, em tese, o letramento acontece de maneira sistematizada, a prática de letramento perpassa todas as vivências do aluno/leitor por meio dos sentidos adquiridos em contato com o texto, o que não exime a escola do seu papel de local formador de leitores críticos, dado que no ambiente escolar o leitor está exposto ao contato frequente, metodizado e regular com o texto literário.

O ensino de leitura literária, mesmo inserido num contexto socioeconômico tecnocêntrico inoperante, que pouco se aprofunda no seu significado, e não sendo capaz de atingir todas as potencialidades do texto, ainda ocupa lugar cativo entre as disciplinas escolares por ter como um de seus principais atributos a faculdade de contribuir para a formação humana no aluno/leitor.

Sobre a formação humana dos leitores pela devida apropriação do sentido social do texto, a considerar que os principais problemas que envolvem o ensino de leitura na escola, em especial os que envolvem o texto literário, estão ligados à fragmentação do texto, evidenciado pelo desinteresse – por parte dos estudantes – nas aulas de leitura, é indissociável à pouca atenção dada ao contexto de construção literária..

O texto literário, oriundo da ocupação com a linguagem, se diferencia de outros textos, assim como a sua abordagem crítica se constitui como prática social relevante, na medida em que o seu alcance é o “estranhamento” do texto, quando abordado de maneira efetiva, causando o “prazer estético” e, conseqüentemente, o letramento literário do aluno.

Faz-se importante ressaltar que a prática de letramento se diferencia da leitura literária por fruição; daí, a importância de o professor/mediador entender essas nuances no intuito de não as descaracterizar. Tratando dessas especificidades, Cosson (2018) reitera:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2018, p. 23).

Infere-se que o letramento literário como prática de humanização passa ao largo de se resumir à leitura fluente de uma obra (destacando que aquele necessita desta), mas de um contato efetivo e constante do aluno com o texto de modo a provocá-lo, desencadeando inclusive o prazer estético da obra.

Há de se ter um olhar aberto relacionado à leitura sem excluir as dimensões não relacionadas aos aspectos pragmáticos do seu ensino. Mesmo num contexto tecnocrata, a literatura figura como possibilidade de promoção de autoconhecimento e letramento crítico dos alunos por meio da sua relação com a leitura.

A leitura de literatura propicia as condições necessárias diversas para que os alunos, em grande medida, se desvencilhem dos grilhões históricos aos quais estiveram, e estão, aprisionados.

A partir dessa proposição, surgem também questionamentos a respeito do ambiente escolar atuar como espaço de manutenção da situação vigente – embora que sua essência deveria possibilitar seja um ambiente de emancipação dos indivíduos. É necessário que o professor, letrado literariamente, assuma o seu papel fundamental no processo (porque é processual) de agente de letramento no ambiente escolar, e que o “engajamento” dos alunos possa assumir uma postura que atenda às demandas relativas aos objetivos a serem alcançados no momento da aula – pensando a escola sob um viés menos institucionalizado. Cabe destacar os equívocos cometidos no momento de se empregar a palavra ‘Letramento’ incluindo o letramento literário evidentemente.

As particularidades sobre leitura colocadas por Paulino, Cosson *et al.* Talvez respondam a uma pergunta que ainda não tenha sido feito nesta pesquisa: se há uma natureza humana leitora (imane), compreendida na essência dos indivíduos, ou se esse “despertar” epifânico necessita de condicionantes sociais, externos ao indivíduo, pois enfatizam que mesmo havendo uma dimensão individual, o letramento tem como atributo fundamental (porque dá fundamento) o aprimoramento da leitura no conjunto de práticas sociais nas quais os indivíduos se ressignificam. Em outras palavras, não há como explicar o letramento, meio indispensável de reflexão e conseqüentemente de humanização pela literatura, partindo do individual para o social, mas sim o contrário.

Tendo em vista que a literatura é o meio pelo qual o homem se humaniza, o trabalho é motivado pelo estudo da formação de leitores, em especial, investigar em que medida a leitura do texto literário que proponha o letramento literário dos leitores, contribui para o seu contingencial processo de humanização.

É por meio da vertente do letramento literário que a literatura proporciona aos indivíduos subsídios para sua ressignificação e como consequência disso, sua humanização.

A ideia de abordar a leitura literária como potencializadora do processo humanizador dos que a ela se aventuram deve-se ao fato do homem, impossibilitado de se humanizar por decreto (cabendo aqui a aplicação do aforismo *natura non facit saltus*¹⁰, que reforça a ideia de que não se pode haver uma mudança “repentina”, um salto de perspectiva do indivíduo), ou qualquer meio que não esteja aliado ao processo dialógico.

¹⁰ “A natureza não dá saltos. Leibniz quis com este aforismo mostrar que não existem gêneros ou espécies completamente isolados, mas são todos interligados”. In: **Dicionário de Latim Online**: significados de palavras e expressões em latim. Disponível em: https://www.dicionariodelatim.com.br/natura-non-facit-saltus/#google_vignette. Acesso em: 15 de nov. 2022.

4 LEITURA LITERÁRIA E HUMANIZAÇÃO: O QUE TRAZEM AS PESQUISAS

Ao elaborar o trabalho de investigação, num primeiro momento o pesquisador tem em vista o seu posicionamento ontológico e epistemológico: grosso modo, a realidade e o que se conhece dela. Em segundo, a relação do pesquisador e o objeto pesquisado, partindo de seu posicionamento ontológico. Alencar (*apud* CANÇADO 2015) reitera:

Ontologia refere-se à forma e à natureza da realidade e, por conseguinte, o que pode ser entendido sobre ela. *Epistemologia* diz respeito à natureza da relação entre pesquisador e o que pode ser pesquisado. Essa relação é determinada pela relação ontológica de realidade que o pesquisador adota. *Metodologia* refere-se ao modo de o pesquisador proceder para encontrar o que ele acredita que pode ser conhecido. É a estratégia montada pelo cientista para obter evidências necessárias à sua pesquisa. *Método* (técnica) é a ferramenta específica para a coleta dessas evidências (ALENCAR *apud* CANÇADO, 2015, p. 69).

O posicionamento ontológico relacionado a este trabalho traz a realidade do nível insatisfatório de letramento por parte dos leitores brasileiros (doravante abordado), o que dá campo para o desenvolvimento da pesquisa. É oportuno destacar que essa perspectiva se alinha à de Street (2014), ao defender que não se pode nivelar letramentos. Por sua vez, o posicionamento epistemológico relacionado ao tema da pesquisa considera a natureza da relação entre o ensino de leitura e o pesquisador, partindo da percepção ontológica do pesquisador já preestabelecida à pesquisa.

A pesquisa utilizou-se do método de pesquisa do tipo Estado da arte adotando uma revisão narrativa das produções de pós-graduação da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que tiveram como tema o ensino de leitura literária tendo como meio o letramento literário e suas contribuições para a formação integral do leitor. Cabe ao professor entender que o letramento literário é antes de tudo um processo complexo, exigindo de seus atores a compreensão de seus mecanismos pedagógicos para a formação significativa e emancipatória, que por meio da leitura crítica das obras, possa se concretizar.

O escopo do estudo partiu do levantamento de discussões de como literatura e humanização do leitor se aproximam, tendo como meio práticas pedagógicas mais privilegiadas que práticas de leitura nas quais a experiência literária tem sido diluída. Ao abordar a obra literária de forma descontextualizada, o leitor tende a vê-la de maneira fragmentada, o que passa ao largo das bases epistemológicas que veem na leitura da obra literária um fator de emancipação dos leitores letrados literariamente.

Na intenção de responder à pergunta que trata da contribuição da leitura literária como

caminho de aproximação do homem ao que é mais humano, entendendo a humanização como a própria função essencial da literatura, tem-se em mente que a resposta possa garantir, dentre outras coisas, que a literatura retome esse lugar de prática de humanização em sala de aula de leitura. A presente pesquisa trata de uma investigação que busca desnudar o papel do texto literário, tendo em vista a análise feita das produções da área na busca de, por exemplo, pontos consoantes a respeito da leitura literária como potencializadora na desconstrução e reconstrução do leitor, ao passo em que se desenvolve criticamente, por meio de práticas de letramento. Logo, as respostas que emergiram da pesquisa – complexas que são – podem contribuir com a área de ensino que tem como interesse o tema abordado e a quem se interessar pela proposta.

Cabe salientar que esta pesquisa não desenvolve soluções relacionadas a ações aplicáveis; em contrapartida, contribui para se analisar o que tem sido discutido nas pesquisas que buscam tratar do tema. Ao relacionar o tema “leitura literária e práticas de letramento como meio de humanização” para levantar pesquisas científicas produzidas na área de leitura, e mais especificamente de leitura literária, a discussão reverbera também nas bases do letramento literário como fazer pedagógico indispensável para se alcançar esses objetivos, o que tornou ainda mais evidente a viabilidade do desenvolvimento desta pesquisa.

Ao relacionar a pesquisa a outras desenvolvidas anteriormente, buscou-se algo novo: esclarecer, principalmente, as benesses de abordar a leitura, tendo como caminho as práticas de letramento, partindo da premissa de que a apreciação do texto literário é um meio significativo no intuito do desenvolvimento humano do sujeito leitor.

Sobre o recente amadurecimento das pesquisas sobre leitura, Ferreira (2001) explica:

Na leitura cronológica das pesquisas sobre leitura tem-se não só o nascimento, o desenvolvimento e o amadurecimento de um campo de investigação, como encontra-se a narrativa da pós-graduação em nível nacional. Uma narrativa construída muito recentemente, pois remonta à década de 1930 e somente nos dez últimos anos transformou-se em objeto de escrita (p. 66).

Há de se ressaltar que esse interesse em discutir o tema leitura pode estar relacionado também aos mal-entendidos que permeiam o assunto, como, por exemplo, “o de que o brasileiro não lê”, o que claramente sugere um olhar mais atento e criterioso sobre o tema, ao tratar dos equívocos relacionados ao tema “leitura no Brasil”, o que acaba influenciando inclusive em pesquisas na área, a que Britto (2012) discorre:

Desconsiderando os efeitos dos interesses mercantis envolvidos nas políticas de promoção da leitura, observa-se que a reflexão e a ação educativa relacionadas com a leitura têm padecido com a disseminação de duas percepções equivocadas, com reflexos bastante negativos na educação escolar, na promoção da cultura e nas pesquisas: uma é a visão catastrófico-denuncista de que o Brasil seria um país de não-leitores e, portanto, com uma população pobre cultural e intelectualmente; a segunda, que acompanha a primeira como uma espécie de desiderato, é a ideia salvacionista de leitura, compreendida como um bem em si, civilizador e edificante (BRITTO, 2012, p. 36).

Portanto, defender a educação como prioridade no Brasil não significa discutir simplesmente sobre se a população é leitora ou não, como se isso a salvasse das mazelas sociais; é preciso fomentar espaços com discussões teóricas, ações práticas e políticas públicas que de fato garantam o acesso aos bens culturais, entre eles o livro e uma boa escolarização para favorecer o desenvolvimento da competência leitora.

4.1 Contexto teórico e do mapeamento da pesquisa

A fundamentação teórica da pesquisa dialoga com os estudos e reflexões sobre leitura literária e letramento, concentrando em Candido (1972, 2006, 2017), Todorov (2009) e Morin (2003) no que se refere à defesa da literatura como direito e seu processo humanizador, e Paulino (2007), Cosson (2009, 2018), Zilberman (1984, 2009), Ferreira (2001), Britto (2012), Soares (2014) e Foucambert (1989) para tratar de letramento literário e da formação do leitor crítico. As reflexões estabelecidas tiveram o propósito de se aproximar de uma proposição que atenda às demandas atuais relacionadas ao tema, na pretensão de se aproximar do consenso no qual a leitura literária está distante de ser tomada apenas como mera decifração de códigos linguísticos.

Na pesquisa, adotou-se a análise sistêmica como meio de levantar e discutir dados de pesquisas de pós-graduação no Brasil adotando o filtro “leitura, humanização e letramento literário” na busca realizada no site da BDTD. A pesquisa sistêmica objetiva mostrar as produções de um mesmo tema, partindo do pressuposto de que cada trabalho traz algo de novo, diferindo-se dos demais, e cabe ao pesquisador identificar em que medida essa gama de trabalhos se aproxima dos pontos a serem investigados nesta pesquisa como, por exemplo, as benesses e a influência da abordagem do texto literário na formação humana do leitor tendo, como caminho, as práticas de letramento literário na abordagem das obras.

O caráter transdisciplinar da leitura justifica a segunda seção deste texto, ao passo em que propõe investigar a respeito dos trabalhos produzidos sobre o tema “leitura”, efetuando uma

busca com as palavras *leitura e humanização*, utilizando-se da metodologia de pesquisa bibliográfica do tipo “Estado da Arte” com abordagem qualitativa.

Sobre o caráter imprescindível dos estudos de “Estado da Arte”, destaca-se a necessidade de se ater às produções que vêm sendo publicadas em relação a um determinado tema. Dentre as especificidades relacionadas à pesquisa sistêmica, estão as que envolvem o seu objetivo: discutir sobre uma gama de trabalhos que, mesmo tratando do mesmo tema, possuem características próprias, proporcionando ao pesquisador discuti-los sob diferentes perspectivas.

Ao tratar da metodologia bibliográfica do tipo “Estado da Arte”, Ferreira (2001, p. 259) reitera:

[...] sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema.

Ao se elaborar um trabalho de revisão do tipo “Estado da Arte”, o pesquisador não pode perder de vista que mesmo se tratando de uma pesquisa pautada no levantamento e na discussão a respeito de produções de uma determinada área, a pesquisa deve trazer consigo considerações novas. Em hipótese alguma, os trabalhos de revisão devem ser vistos como um resumo de trabalhos produzidos. É necessário partir da análise das particularidades de cada trabalho analisado para que o pesquisador possa perceber algo novo que ainda não tenha sido dito.

Pautando-se nas conjecturas de método de pesquisa “Estado da Arte”, buscou-se fontes de dados como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que é vinculada ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), utilizando a palavra-chave “Leitura”, e aplicando os filtros: “Leitura”, “Humanização”, “Letramento Literário”, publicadas no período de 2008 a 2020. A busca feita na BDTD resultou em quinze (15) trabalhos. Após a busca, foi feito *download*¹¹ dos materiais para ter acesso ao trabalho na íntegra.

A princípio foi realizada a leitura dos resumos e da introdução dos trabalhos para identificação e constatação do alinhamento com as palavras-chaves que foram utilizadas como critério de busca. Seguiu-se a leitura e a análise de alguns trechos das dissertações para a melhor

56 Transferir para um computador, geralmente através da internet, um arquivo que pertence a outro computador. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/download/>. Acesso em: 21 dez. 2021.

Compreensão e identificação das discussões teóricas feitas sobre o tema “leitura literária” e “humanização”.

Ao discutir a respeito dos pesquisadores que adotam a metodologia “Estado da Arte”, Ferreira (2001) esclarece que:

[...] parecem dispostos a atender a uma determinada demanda social que “cobra” propostas e soluções para certos problemas, principalmente o reiterado fracasso da escola brasileira. Um dos caminhos que vislumbram é conhecer o que já está construído e produzido e então buscar o que ainda não foi feito (p. 54).

Tratando-se dos procedimentos de um estudo do tipo “Estado da Arte”, Romanowski (2006) assim define:

[...] localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica que possam proporcionar acesso a coleções de periódicos, assim como aos textos completos dos artigos; estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o *corpus* do estado da arte; levantamento de teses e dissertações catalogadas; coleta do material de pesquisa, selecionado junto às bibliotecas ou disponibilizados eletronicamente [...] (ROMANOWSKI, 2006, p. 15-16).

Sobre as indagações relacionadas aos resumos e, principalmente, as que tratam desse fragmento como sendo plausível (ou não) de ser analisado como parte representante de um *corpus* maior tal qual uma dissertação ou tese, Ferreira (2001) questiona:

É possível afirmar o que se tem falado sobre determinado tema ou área de conhecimento, em nosso país, num certo período, a partir só da leitura dos resumos? Um resumo poderia ser lido como parte de um todo? Que relação poderia ser feita entre cada resumo e o trabalho que lhe deu origem? É possível um olhar metonímico para cada resumo? (FERREIRA 2001, p. 264).

O pesquisador deve ter em mente ao aplicar a metodologia de pesquisa do tipo “Estado da Arte”, que as produções analisadas não podem ser vistas de maneira homogênea, ao passo em que cada pesquisa possui suas particularidades mesmo que tratem do mesmo assunto. Caso a análise seja feita partindo da leitura de fragmentos da pesquisa como resumos ou introduções, o pesquisador deve estar preparado para ler o texto na íntegra, pois, por vezes, os resumos podem não trazer as informações necessárias para análise, o que pode estar relacionado inclusive a problemas de pouca compreensão do material de análise por parte do pesquisador.

Foram feitas observações, tecendo comentários sobre os vieses e rumos que as produções analisadas tomam, dialogando com teóricos que se debruçam sobre o tema, a fim de investigar quais os principais fundamentos teóricos, métodos e abordagens utilizados nessas pesquisas.

A relevância das pesquisas que tratam de problemáticas relacionadas à leitura disponibiliza ao pesquisador um campo de atuação que passa pela revisão da literatura já produzida, reunindo uma gama de pesquisas que estabelecem uma relação entre si, e, a partir da análise dessas produções, esmiúça suas propriedades, ao passo em que possa fomentar novas discussões a respeito do tema escolhido para análise.

A partir dessa indagação, a pesquisa traz para o centro da discussão questões relacionadas à leitura e ao letramento crítico literário dos leitores, tendo como elemento principal o processo de humanização pela prática de leitura. Assim, são propostas discussões pautadas em teóricos que tratam do tema “leitura e humanização”, propondo discussões e análises, esmiuçando em que medida a leitura e o processo de humanização estão relacionados.

Ao buscar esclarecimento acerca do método de pesquisa “Estado da Arte”, discutiu-se, também, a respeito do(s) conceito(s) de leitura, leitor, e do que se compreende sobre “aprender a ler”. Reiterando a respeito da relevância desse tipo de pesquisa, é aceitável a ideia de que ao se elaborar uma pesquisa sistêmica – que tenha como objetivo sistematizar a produção de determinada área –, o pesquisador tende a ser tomado por diversas inseguranças, principalmente no que trata da análise e exposição das informações presentes nos trabalhos escolhidos para análise.

Pensando em como fazer a sistematização dos dados colhidos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, fez-se uso do Quadro 1, mostrado a seguir.

Quadro 1 – Quadro para Arquivo dos critérios de análise – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

DATA DA BUSCA		05/08/2022			
FILTRO		TODOS OS CAMPOS			
PALAVRA-CHAVE		LEITURA HUMANIZAÇÃO LETRAMENTO LITERÁRIO			
DADOS RELEVANTES					
AUTOR	TÍTULO/ ANO	PROBLEMA	METODOLOGIA DA PESQUISA	OBJETIVO	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

O Quadro 2 foi usado para sistematizar as pesquisas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), como colocado a seguir. Para realizar a busca, foram utilizadas as palavras-chave “leitura literária; letramento literário e humanização”, acompanhadas do filtro: todos os campos. O recorte temporal dos trabalhos encontrados na busca foi de 2008 a 2020.

O Quadro 2 foi utilizado para sistematizar as informações encontradas na BDTD, no

que se refere às dissertações.

Quadro 2 – Produções de pós-graduação sobre leitura, por ano e total – 2008 a 2020

DISSERTAÇÕES	
2008	1
2015	3
2016	2
2017	2
2018	4
2019	2
2020	1
TOTAL	15

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

Por meio da análise de composições foi feito um levantamento do material produzido a respeito do tema “leitura”, em especial os que tratam da leitura como meio de letramento crítico e humanização.

Na pesquisa, optou-se pelo estudo de revisão como método de abordagem voltado à análise narrativa, aplicando-a ao objetivo de pesquisa geral da dissertação. Assim, o método de abordagem bibliográfica fomentou as discussões relacionadas ao tema pautadas nos autores da área.

O tipo de método adotado no trabalho é o indutivo, pois, partindo de premissas particulares, por meio de análise de dados, o autor desta pesquisa pretende explicar em que medida o texto literário, trabalhado pelo viés do letramento, contribui para a formação crítica e humanizadora dos leitores, de modo geral.

Sobre a abordagem qualitativa nas pesquisas em educação, Guedin e Franco (2011, p.

56) mencionam que a “emergência da abordagem qualitativa em educação indica que novas necessidades e outras percepções se impuseram aos pesquisadores”. O paradigma qualitativo norteará esta pesquisa, pois se tratando de pesquisas em ciências sociais, faz-se necessário um método que compreenda o objeto de pesquisa em questão. Sobre o aspecto imprescindível da pesquisa qualitativa e a inoperância do paradigma quantitativo em relação às pesquisas em ciências sociais, e em especial as relacionadas à educação, Zanette (2017) explica:

Além da preocupação da metodologia em Ciências Humanas e em Educação, chega-se, neste caminho percorrido historicamente, a avistar a preocupação com o método mais do que com o problema a ser estudado no contexto da educação. As distorções quantitativas são devidas à precariedade das fontes, à manipulação da informação social, à imprecisão das técnicas em excluir certas variáveis para a explicitação do fenômeno escolar, por exemplo (ZANETTE, 2017, p. 154).

A abordagem qualitativa faz-se indispensável no que diz respeito às pesquisas que se proponham a desvelar e problematizar as questões que permeiam a educação no aspecto geral. Essa abordagem é apoiada nos princípios teóricos socioantropológicos, considerando os fatores sociais, culturais e institucionais do objeto de pesquisa.

Baseado na assertiva de que a leitura do texto literário por meio de práticas de letramento em sala de aula proporciona ao aluno a leitura de si mesmo pelo outro, infere-se que o aluno letrado literariamente passa a desfrutar de mecanismos de leitura que ultrapassam a alçada da escola, já que, reconhecendo a si e ao outro, o leitor tende a assumir uma postura reflexiva, ao passo que é afetado pela literatura cujo objeto construído possui a faculdade de humanizar devido ao modelo de coerência gerado pela força da palavra organizada (CANDIDO, 2017). Preocupando-se com o aspecto importante relativo ao efeito da leitura sobre o indivíduo e grupos, a lacuna da falta de estudos que se preocupasse com leitura e escrita passou a ser preenchida como letramento (ZAPPONE, 2008).

Ao salientar que há, ainda, um baixo índice de leitores considerados funcionalmente letrados no Brasil, considera-se que esse número seja consequência das práticas de leitura aplicadas nas aulas, distantes das trazidas pelos autores, que sugerem trabalhá-las tendo como caminho as práticas de letramento como forma de dar significado ao texto explorado, de modo que a discussão é sua premissa fundamental.

Sob o ponto de vista da natureza da pesquisa, essa composição se caracteriza como uma pesquisa básica, gerando conhecimento novo em relação ao problema de pesquisa apontado. Em contrapartida, não possui caráter aplicativo, já que não ostenta um material que doravante possa ser aplicado. Tratando da forma de abordagem do problema, optou-se pela qualitativa,

tentando entender os fenômenos relacionados ao ensino de leitura partindo de dados selecionados.

O estudo consiste em uma revisão voltada à análise narrativa, aplicando-a às produções doravante analisadas. Assim, o método de abordagem bibliográfica fomentou as discussões relacionadas ao tema, pautadas, evidentemente, nos autores da área.

4.2 Critérios de seleção do corpus

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, foram feitas uma investigação bibliográfica e o levantamento do material teórico relacionado ao tema proposto. Ao se discutir o assunto “leitura”, foram priorizadas discussões que contribuem para que se possa alcançar respostas adequadas aos questionamentos que envolvem a formação de leitores, mais especificamente, das práticas de ensino de leitura que não estejam aliadas ao letramento literário. Partiu-se da premissa de que o ensino de leitura não associado às práticas de letramento faz perder de vista até mesmo o contexto de criação da obra e tudo que lhe é próprio, comprometendo inclusive o consumo por parte do leitor.

Nesta seção do texto, busca-se explorar – recorrendo à abordagem sistêmica e fazendo uso da metodologia de pesquisa bibliográfica do tipo “Estado da Arte” com abordagem qualitativa e, por meio de um levantamento de produções da área – em que medida “leitura, letramento literário e humanização” têm sido abordados nas pesquisas de pós-graduação no Brasil.

Sobre a necessidade do pesquisador em propor uma investigação relacionada a um problema social, sendo este uma parte constituinte do real, Minayo (1994) disserta:

Nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos (MINAYO, 1994, p. 18-19).

A autora salienta que além do método a ser utilizado, este deve ser tido como aliado da criatividade do pesquisador, sendo o elemento fundamental de uma pesquisa. Sobre o método e técnica aliados à criatividade do pesquisador como *modus operandi* da pesquisa, em particular as pesquisas sociais, Minayo (1994) acrescenta:

Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador. Feyerabend, num trabalho denominado “Contra o Método” (1989), observa que o progresso da ciência está associado mais à violação das regras do que à sua obediência. [...] para Kuhn, o progresso da ciência se faz pela quebra dos paradigmas, pela colocação em discussão das teorias e dos métodos, acontecendo assim uma verdadeira revolução (MINAYO, 1994, 16-17).

Em relação ao método e à abordagem escolhidos para a pesquisa, optou-se pela metodologia de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa para tratar da “leitura e humanização” por via do letramento literário. Isso se deve ao entendimento de que esse seja o método científico adequado na busca de discutir, partindo de critérios sólidos, a influência da leitura à luz do letramento literário em relação ao processo de humanização do leitor.

4.3 Das pesquisas analisadas

Ao analisar os dados das pesquisas coletadas para objetivo de pesquisa, vê-se que boa parte das produções procuram entender o que é letramento literário de maneira pragmática, o que está relacionado ao fato de ser inviável, tratando-se de ciências sociais, teorizar sobre letramento literário e humanização sem pensar em intervenções pedagógicas em sala de aula de leitura. O fato de sete das quinze pesquisas optarem pela pesquisa-ação, e uma intervencionista como metodologia das pesquisas confirma a necessidade vista pelos pesquisadores em buscar um meio de responder com maior eficiência aos problemas identificados na realidade da sala de aula tendo em vista sua transformação.

Quanto às características comuns das dissertações analisadas, uma delas é a proposta de relacionar a perspectiva macro, paradigma científico à perspectiva micro da sala de aula de leitura literária, o que legitima o letramento literário como meio de apropriação da leitura enquanto construção literária de sentidos.

Outro tema abordado em algumas das dissertações é o que postula a Base Nacional Comum Curricular¹² (BNCC) a respeito do ensino de literatura nas escolas, e principalmente nos três últimos anos da educação básica. Entre os questionamentos, pontuou-se que a literatura não é assumida como componente curricular, já que aparece associada aos estudos de língua portuguesa, na grande área de linguagens.

Ainda foi discutido o fato de a BNCC não adotar o viés cronológico de ensino de literatura, já que agora propõe uma inversão da sequência literária. Outra questão levantada a

¹² Mais informações sobre a proposta da Base Nacional Comum Curricular disponíveis online: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>.

respeito do documento é a afirmação de que ele vai ao encontro daquilo que deve ser o trabalho com a leitura literária.

Comentando o que foi dito a respeito desse documento, é mister destacar os avanços em relação ao ensino de literatura nas escolas, pois a literatura deixa de ser abordada de maneira categorizada e passa a ser ensinada pondo em destaque a apreciação, fluidez e ao contexto sócio-político do texto literário, tendo o aluno como protagonista desse processo.

Sobre a quantidade de produções que tratam de leitura literária e letramento, observa-se que o número de produções do Banco Digital de Teses e Dissertações, resultantes do filtro aplicado “leitura humanização letramento literário”, aumentou consideravelmente a partir de 2015, o que pode ser explicado pelo fato de o tema “letramento” ter ganhado campo muito recentemente (do ponto de vista acadêmico). Sobre o recente emprego da palavra “letramento” no cotidiano acadêmico, Soares (2014) explicita:

Só recentemente esse oposto tornou-se necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo *letramento* (p. 20).

Infere-se que o modo de conceber a leitura e a escrita no Brasil mudou consideravelmente, inclusive nas pesquisas que envolvem a área de letramento, pois em um contexto bem recente, pouca atenção era dada ao estado de pessoas que sabiam ler e escrever, levando em consideração apenas a condição de analfabeto ou não. Outro aspecto que pode ser ressaltado é a superioridade do número de dissertações em relação às outras produções que tratam do tema na BDTD, em todos os anos destacados.

O Quadro 3, a seguir, apresenta o foco da publicação de 2008.

Quadro 3 - Foco de discussão das produções publicados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2008

AUTOR(ES)	TÍTULO	FOCO(S) DA(S) DISCUSSÃO (ÕES)
Kalina Lígia Pereira Soares	Da leitura do espaço ao espaço da leitura: um estudo sobre A Cama de Lygia Bojunga Nunes	Discutir as práticas de leitura na educação básica partindo da premissa que defende a necessidade da escolarização adequada do texto literário que proporcione práticas de leitura literária inseridas no contexto social do leitor. O objetivo dessas ações é permitir que os alunos-leitores se relacionem com o texto ampliando seu horizonte de expectativa e consequentemente participar do processo de humanização proporcionado pela literatura.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

Na dissertação de 2008 citada anteriormente, observa-se que a autora, a princípio, destaca que além da necessidade da escolarização da leitura, há de se buscar práticas de leitura que primem pela contextualização da obra literária trabalhada em sala, a fim de estabelecer uma relação entre texto e leitor, pois é nessa relação que leitor se integra, reconhecendo-se e humanizando-se.

Soares (2008, p. 141-142) ainda pontua que “nenhum gênero do discurso tem a capacidade de provocar no leitor o envolvimento com o texto que a literatura propicia; o texto literário não permite ao seu leitor a indiferença; o leitor do texto literário é convidado a participar do processo de humanização sempre”.

É perceptível que a tônica da autora é mostrar que não basta haver uma escolarização da leitura, não sendo suficiente apenas aumentar a quantidade de livros de uma biblioteca etc. O que está em jogo é como a leitura literária é concebida no momento das aulas.

Torna-se leviano, por parte dos envolvidos no ensino de leitura, eger a prática de leitura que desconsidere constituintes correlacionados a ela, destacando aqui a expectativa do leitor enquanto elemento determinante no processo de letramento literário. O que deve ser ressaltado é que essas expectativas não são conscientes, e mesmo essa percepção de maior ou menor consciência depende mais da concepção de leitura adotada (CORACINI, 2005).

A metodologia utilizada para realizar a pesquisa caracteriza-se como pesquisa-ação, tipo de pesquisa que está associada a uma ação, tendo em vista a resolução de um problema coletivo. O estudo é orientado pela Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss (1994) e pela prática do Letramento Literário, proposto por Rildo Cosson (2018).

O Quadro 4, a seguir, apresenta o foco das publicações de 2015.

Quadro 4 - Foco de discussão das pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2015

AUTORES	TÍTULO	FOCO(S) DA(S) DISCUSSÃO(ÕES)
Danielle Bin dos Reis	O (re)significado da leitura para jovens e adultos privados de liberdade	Propor a (re)significação da leitura de contos para jovens e adultos privados de liberdade. A partir da (re)significação dos contos pressupõe-se que se alcance novos significados, inclusive os que extrapolam o texto escrito. Um dos questionamentos que nortearam a pesquisa é: como incluir uma concepção sociointeracional da leitura nas práticas pedagógicas?

Almir César Teixeira Filho	Manheçença: despertando para a literatura através dos poemas de Jorge Fernandes	Contribuir com sugestões para o ensino de leitura literária na educação básica (ensino fundamental), reforçando a tese se que o letramento literário é aliado indispensável na busca de uma formação humanizadora dos leitores, tendo em vista que proporciona ao leitor a possibilidade ver a realidade sob vários ângulos.
Elaine Cristina Camara de Azevedo Maia	Letramento Literário no sétimo ano – O besouro Carirá e a História do Morango Gigante, de Ricardo Daunt: convergências entre tradição e o moderno	Abordar o poema narrativo como proposta de aplicação em sala de aula em uma turma de sétimo ano do ensino fundamental II. A proposta é uma forma de leitura que leve em consideração o gênero literário “poema narrativo” articulando o texto e a vida social. Defende-se que a literatura é um bem imprescindível e fator de humanização do leitor.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador coletado pelo autor em sites acadêmicos (2022).

Tendo em vista as três dissertações publicadas em 2015, observa-se que na primeira – *O (re)significado da leitura para jovens e adultos privados de liberdade* –, a autora sugere a leitura de contos para jovens e adultos no intuito de (re)significá-los, e então abrir novas possibilidades de significados por parte dos leitores nesse percurso.

Sobre o papel humanizador da literatura, Reis (2015, p. 40) afirma que “a arte imita a vida, assim como, muitas vezes, a vida imita a arte, daí a aprendizagem de humanização que a literatura inspira”.

A pesquisa traz ainda questionamentos, a título de exemplo: como incluir uma concepção sociointeracional da leitura nas práticas pedagógicas? Ao ressignificar o discurso do texto, a autora infere que isso possibilita ao aluno um novo posicionamento que o leve a interagir com a vida e com as outras pessoas. Como método utilizado na pesquisa, fez-se uso da pesquisa-ação do tipo qualitativa/interpretativista. Para o suporte teórico, a pesquisa embasou-se, principalmente, na literatura como direito humano, e imprescindível ao seu processo de humanização, destacando-se autores como Candido (2004) e Cosson (2012). Sobre as concepções de leitura, baseou-se em Bakhtin (2003); Kock e Elias (2012); Solé (1998) e Geraldi (1997).

Na segunda dissertação de 2015 mapeada – *Manheçença: despertando para a literatura através dos poemas de Jorge Fernandes* –, Teixeira Filho busca contribuir com sugestões para o ensino de leitura na educação básica, especificamente no ensino fundamental, partindo da premissa de que o letramento literário é fator indispensável à formação humanizadora dos envolvidos no ensino de leitura.

Sobre a relevância do letramento literário, Teixeira Filho (2015, p. 57) assim se posiciona:

Essa semente plantada pode também mudar a prática em sala de aula do professor de língua portuguesa, humanizando-a e tornando-a mais aberta e sensível às contradições do mundo e da sociedade, pois a literatura é ferramenta essencial para confirmar o homem na sua humanidade.

Ao ver a realidade sob perspectivas diferentes, o leitor letrado literariamente encontra novos significados para o mundo onde está inserido. Como método, o autor fez uso da pesquisa-ação, utilizando instrumentos de análise de dados, a fim de sugerir um produto final de ações baseadas no método de sequência didática como meio de leitura do material. O aporte teórico baseia-se nos escritos de Cosson (2006; 2009; 2010); Candido (1995) e Araújo e Sá (2012).

Com o título *Letramento Literário no sétimo ano – O besouro Carirá e a História do Morango Gigante, de Ricardo Daunt: convergências entre tradição e o moderno* –, a terceira dissertação mapeada teve como foco abordar o poema narrativo como proposta de aplicação em sala de aula, em uma turma do ensino fundamental II. Maia (2015) propôs uma forma de leitura que leve em consideração o gênero literário “poema narrativo”, tendo como objetivo estabelecer o elo existente entre o texto literário e a vida social do leitor. Na pesquisa apresentada, a autora assim registra:

[...] mostrando as perspectivas entre o campo e a cidade contidas nesse texto, acredito que essa intervenção tentou cumprir a proposta feita por Antonio Candido e Antoine Compagnon quanto a uma iniciativa educacional com vistas à humanização e ao desenvolvimento da sensibilidade do outro. (MAIA, 2015, p. 103),

Na pesquisa em tela, destaca-se que a literatura é um bem imprescindível e, também, de humanização do leitor. E, como metodologia aplicada na pesquisa, fez-se uso da pesquisa-intervenção, que se propôs a intervir na maneira como alunos que participaram da pesquisa percebem a leitura, sugerindo a forma de ensino de leitura, por meio de um modelo de sequência didática. O suporte teórico utilizado na pesquisa traz autores como Candido (2004), Compagnon (2009), Todorov (2010) e Cosson (2006, 2014).

Nas três dissertações anteriormente citadas, é válido destacar como o texto literário está articulado ao meio social de cada indivíduo, ao seu horizonte de expectativa, o que não significa que não possa extrapolá-lo. A questão é que obra e leitor precisam estabelecer um diálogo que vá além da apreciação estética, para que se contradigam juntos na busca de novos sentidos do texto, de uma nova forma de ler a literatura, o mundo, e os outros.

Chama atenção o rumo que as três dissertações tomaram, mesmo se tratando de

produções distintas, posto que os autores enfatizam no decorrer das pesquisas a indispensabilidade das intervenções pedagógicas que tenham como premissa o letramento literário, o que inclusive responde a pergunta desta pesquisa. Os autores trazem a discussão para o campo que aborda não só a urgência de projetos de leitura, além do que necessitam estar voltados para uma proficiência leitora.

O Quadro 5, a seguir, apresenta o foco das publicações de 2016.

Quadro 5 - Foco de discussão das produções publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2016

AUTORES	TÍTULO	FOCO(S) DA(S) DISCUSSÃO (ÕES)
Mariele Gabrielli	Ensino de Literatura: da Paideia ao paradigma sistêmico	Investigar como as rupturas paradigmáticas da ciência se entrecruzam com o ensino de leitura tendo em vista a evolução do pensamento educacional. A pesquisa aponta que o ensino de Literatura, pelo viés da religação dos saberes (histórico-sociais), pode proporcionar as mudanças que se fazem necessárias ao processo educativo contemporâneo e para a promoção do letramento literário como possibilidade de ensino sob a perspectiva sistêmica.
Márcia Ferreira Lisboa	O Diário de Leituras no Ensino Fundamental: um incentivo ao letramento literário	Discutir a necessidade de rever as práticas relacionadas ao ensino de leitura na escola, tendo em vista o índice considerável de reprovações no ensino fundamental II, de uma escola da rede municipal de Goianinha/RN. A pesquisa teve como objetivo promover o letramento literário utilizando o diário de leitura, considerando que esse seja um instrumento de leitura capaz de fazer com que o leitor interaja no momento da leitura, e possibilitando com que a sua visão sobre a realidade se expanda.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

Mesmo que as duas autoras dialoguem entre si no que se refere ao teor das problemáticas trazidas em suas produções, cabe destacar um ponto de inflexão entre elas: Gabrielli (2016) propõe investigar como se deu essa mudança de paradigma relacionado aos estudos ligados ao ensino de leitura literária.

Além do mais, a autora discorre sobre a importância da ruptura com os paradigmas fragmentados de ciência, no qual se deve estudar as partes para se chegar ao todo, e o paradigma sistêmico que acredita que as partes só podem ser entendidas a partir da organização do todo. É nessa ruptura que o letramento literário surge como uma perspectiva sistêmica de abordar o

texto literário. O apontamento da autora encaixa-se como uma explicação breve para o problema de pesquisa colocado na investigação aqui proposta.

Dentre as duas dissertações mapeadas publicadas em 2016, na primeira, a autora desnuda a influência que as rupturas exercem sobre o pensamento educacional, em especial no que trata do ensino de leitura nas escolas. Diante disso, Gabrielli (2016, p. 16) menciona: “espero que esta dissertação possa contribuir para pensar o ensino de Literatura inserido numa proposta sistêmica de ciência e de educação, sustentada pela formação do leitor literário, que se humaniza a partir de suas experiências de leitura”.

Reforça-se que o ensino de literatura, aproximado dos saberes do aluno, pode proporcionar as mudanças necessárias ao processo educativo contemporâneo. É nesse processo, contraditório, que o letramento literário desponta como ponte de acesso a novos saberes e perspectivas interpretativas das obras literárias trabalhadas. Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica conduzida por bases teóricas do processo educativo de Aranha (2006); Behrens (1999); Moraes (2002); Morin (2000, 2002, 2004) e Santos (1988). E no que se refere ao ensino de Literatura, pautou-se em Candido (2011), Coelho (1980, 2000), Cosson (2006), Pinto (2014), Zilberman (1990, 2005) e Zinani e Santos (2002, 2004), apontando possibilidades para o ensino de literatura e promoção do letramento literário na escola.

Na segunda dissertação mapeada – *O Diário de Leituras no Ensino Fundamental: um incentivo ao letramento literário* – Lisboa (2016) apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou discutir a necessidade de se reverem as práticas relacionadas ao ensino de leitura na escola. Nela, aponta-se o problema relacionado ao índice alarmante de reprovações no ensino fundamental II de uma escola da rede municipal de Goianinha/RN, e posteriormente a promoção de práticas de letramento literário utilizando-se do diário de leitura como suporte significativo na busca de se estabelecer uma relação de sentidos entre obra e leitor nas aulas de literatura.

Sobre a sensibilização como efeito da problematização no momento da leitura, Lisboa (2016) fala:

A indignação dos leitores no conto – Crianças à venda. Tratar aqui e a sensibilização causada pelo sofrimento da personagem Denise em – O fruto da figueira velha, por exemplo, corroboram para uma humanização social, um processo fundamental para a construção de uma sociedade que se quer mais livre, justa e solidária (LISBOA, 2016, p. 99).

A metodologia da pesquisa-ação foi utilizada, propondo uma intervenção por meio do diário de leitura, conforme os conceitos de Thiollent (1996). Dentre os pressupostos teóricos

que respaldam a pesquisa, destacam-se autores como Soares (2009); Cosson (2014); Candido (1995); Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998); Machado (1998); Buzzo (2003); Massol e Esposito (2012).

O Quadro 6, a seguir, apresenta o foco das publicações de 2017.

Quadro 6 - Foco de discussão das pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2017

AUTORES	TÍTULO	FOCO(S) DA(S) DISCUSSÃO (ÕES)
Gislaine Valéria Rodrigues	Letramento Literário: uma perspectiva de humanização da literatura no espaço prisional	Desenvolver sugestões pedagógicas que promovam o letramento literário de alunos do 9º ano do ensino fundamental II. Essa intervenção é voltada em especial para alunos privados da liberdade, mais precisamente, na Unidade Prisional Casa de Custódia de Maringá (CCM), espaço em que se realiza o projeto de Remição da Pena. A pesquisa se justifica ao apresentar estratégias para o desenvolvimento da leitura e do letramento literário como meio de se compreender o contexto das obras.
Fernanda Nayara da Silva Mendonça	Letramento Literário: Crônicas e Contos como Instrumentos de Humanização do Leitor	Abordar “projetos de letramento” como dispositivo imprescindível para que haja uma transformação na educação contemporânea, a qual ainda persiste no modelo de ler e escrever apenas para o professor avaliar.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

Sobre as pesquisas publicadas em 2017, na primeira – *Letramento Literário: uma perspectiva de humanização da literatura no espaço prisional* –, Rodrigues ressalta a necessidade de promoção de ações que visem à prática de letramento literário nas escolas. A autora destaca ainda que essas ações sugeridas na pesquisa são voltadas para alunos do 9º ano do ensino fundamental II, privados de liberdade na Unidade Prisional Casa de Custódia de Maringá (CCM). A pesquisa elabora estratégias de leitura, reforçando a tese de que o letramento literário possibilita compreender o contexto das obras lidas, a fim de formar criticamente os alunos, para que possam refletir sobre si próprios e sobre os outros.

É curioso que, no corpo do texto, a autora retome a importância de o professor ter em mente a importância do seu papel nesse interlúdio entre obra e leitor, ampliando sua própria perspectiva do labor relacionado ao texto literário. Isso leva ao questionamento profundo sobre a formação do professor leitor, o que é bastante complexo se se pensar que apenas ser leitor não

é o suficiente para que alguém alcance resultados satisfatórios como professor. Sim, um professor é constituído de inúmeras especificidades.

Ao destacar a adoção de pedagogias que propiciem a problematização das obras, Rodrigues (2017, p. 18) declara que “é importante observar que o papel humanizador da literatura não se limita apenas ao ato da leitura, isto é, fazer que o leitor leia. Nesse sentido, é equivocada a ideia de acreditar que o leitor poderá estar humanizado após a leitura de uma determinada obra”.

Sobre o papel do professor no processo de letramento, Rodrigues (2017, p. 17) acrescenta “um ponto fundamental: a importância de os professores saberem direcionar o ensino da literatura dentro do contexto escolar, procurando expandir esta rica ferramenta de humanização nos bancos escolares”.

Na pesquisa, ressalta-se ainda que a literatura é um direito de todos. O método utilizado na pesquisa é a pesquisa-intervenção, que consiste em uma tendência das pesquisas participativas. No trabalho em questão, a autora propõe a sequência expandida, na qual as estratégias desenvolvidas pelo professor devem ir além do resumo das obras, pois são os mecanismos de interpretação propostos pelo professor, segundo a autora, que dão suporte às novas práticas literárias no contexto social. O aporte teórico conta com autores como Bakhtin (1986; 1997); Candido (1988; 2002); Jouve (2012); Compagnon (2009); Geraldini (1997); Brandão e Micheletti (1997); Rojo (2009); Kleiman (2005) e no letramento literário, Cosson (2014).

Na segunda dissertação analisada – *Letramento Literário: Crônicas e Contos como Instrumentos de Humanização do Leitor* (MENDONÇA, 2017) –, pretendeu-se abordar “projetos de letramento” como dispositivo imprescindível para que haja uma transformação na educação contemporânea, na qual a leitura é ensinada com o intuito principal de avaliação por parte do professor. Essa postura passa ao largo da leitura problematizadora e contextualizada, cujo pressuposto seja o letramento do leitor, partindo da interação entre obra e seu contexto sócio-histórico e apontando a crônica como instrumento de humanização dos leitores.

Salientou-se também o importante e indispensável rompimento com as contradições entre professores e alunos, o que não deixa de ser provocativo, pois, para que aconteça, é necessário que se construa uma atmosfera em que aluno também possa contradizer o professor: é quando as partes reconhecem que se educam entre si.

Essa ruptura, segundo a autora, é possível por meio da própria literatura, que desfruta dos meios capazes de romper com padrões e normas, e é apenas assim que os envolvidos passam a entender sua função humanizadora.

Sobre as especificidades das práticas de letramento que proponham o letramento literário, Mendonça (2017) registra que se prezou:

[...] pela liberdade de escolhas e de opiniões, quesito importante que compõe o desenvolvimento da comunidade de aprendizagem em seu processo de humanização do leitor. Portanto, a “motivação” é construída diariamente, de modo que desperte nos educandos o comportamento leitor (MENDONÇA, 2017, p. 92).

Sobre a metodologia empregada na pesquisa, fez-se uso do paradigma qualitativo interpretativista, com o viés da etnografia crítica. Como embasamento teórico, utilizou-se escritos de autores como: Street (2012); Kleiman (1995); Cosson (2006); Bazerman (2006); Oliveira (2010); Kleiman (2000); Santos (2012); Oliveira, Tinoco e Santos (2011); Moita Lopes (1993) e Thomas (1993).

O Quadro 7, a seguir, apresenta o foco das publicações de 2018.

Quadro 7 - Foco de discussão dos pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2018

AUTORES	TÍTULO	FOCO(S) DA(S) DISCUSSÃO(ÕES)
Nilson Alfredo da Silva	Confeitaria Poética: uma proposta de fortalecimento das agências escola e família	Discutir a reaproximação entre família e escola partindo do pressuposto que a educação do indivíduo é uma responsabilidade compartilhada entre família e escola. Ressalta-se a importância de se fortalecer as práticas de leitura que visem o letramento, considerando o gênero “poema” como artefato poético importante na busca de alcançar esses objetivos.
Daniela Reischak Pereira	Fanzine na Aula de Literatura: uma Proposta Pedagógica de Incentivo à Leitura e Produção Textual	Estudar propostas pedagógicas na aplicação de fanzines, como publicação de ordem independente. A pesquisa busca analisar a criação de um fanzine como um processo que estimule o processo de formação de leitores por meio da ressignificação dos textos.
Juliana Silva Alves Oliveira	A contribuição do gênero conto para a formação do leitor nas séries iniciais do Ensino Fundamental	Investigar se a leitura do gênero conto contribui para a formação de leitores no ensino fundamental. Pautada na perspectiva interacional de linguagem na qual o ensino da língua portuguesa deve ser concebido por meio da interação no seu contexto de uso.
Lídia Silva Rodrigues	A Formação de Leitores Literários na Perspectiva Histórico Cultural: Leituras em uma Escola Pública de Rio Verde-GO	Investigar as práticas de leitura do primeiro ano do ensino fundamental instigada a partir da seguinte problemática: o professor, ao planejar e mediar atividades envolvendo a leitura literária no processo de alfabetização e letramento considera a literatura como aporte

		cultural e a criança como um sujeito histórico cultural?
--	--	----------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

A respeito das dissertações publicadas em 2018, na primeira listada no Quadro 7 (SILVA, 2018), a autora buscou, na culminância de um projeto interventivo denominado *Confeitaria Poética: uma proposta de fortalecimento das agências escola e família*, proporcionar um momento de leitura dos poemas produzidos pelos alunos no percurso da proposta interventiva aplicada e esmiuçada na pesquisa.

Ao discutir sobre como fazer a escolarização da literatura sem descaracterizá-la, transformando-a em algo fragmentado e pouco significativo, Silva (2018, p. 25-6) destaca que “as críticas a respeito do ensino de literatura, na maioria das vezes, estão pautadas na historização das obras e autores, em detrimento da análise literária e da discussão das ideias dos textos”. A autora defende que o gênero literário “poema” – aliado às práticas de letramento – pode diminuir a distância cada vez mais crescente entre família e escola.

Como método de pesquisa foi utilizada a pesquisa-ação, já que implica uma intervenção do pesquisador no desfecho do trabalho. Como aporte teórico, utilizou-se de definições e estudos de Thiollent (1985); Bogdan, Biklen, (1994); Guimarães, Kersch (2014); Candido (2004); Hamilton (2000); Heath (1982); Street (1984); Kleiman (1995); Oliveira, Kleiman (2008); Caspe (2003); Philip, Sample (2005); Key (1998); Cosson (2014); Franz (1997); José (2003) e Pinheiro (2002).

Na segunda dissertação analisada – *Fanzine na Aula de Literatura: uma Proposta Pedagógica de Incentivo à Leitura e Produção Textual* –, Pereira (2018) ressalta a criação de fanzines como estratégia pedagógica visando ao letramento literário. A pesquisadora revela que essa intervenção pode estimular as múltiplas possibilidades de leitura de textos verbais e não verbais, o que influencia também as formas de problematização dos textos no decorrer das atividades de acompanhamento, ocasionando o letramento literário baseado na sequência básica.

De acordo com Pereira (2018, p. 31), é coerente apontar as obras literárias, no âmbito de meu trabalho, e a literatura sob seu amplo aspecto geral como fator de humanização da sociedade”. A autora ainda destaca que “[a]o humanizar-se, portanto, o homem dá passos significativos no sentido de reconhecer-se a si mesmo perante a sociedade e de reconhecer a

sociedade como espaço de interação com suas vantagens e incorreções” (p. 33).

A pesquisadora utilizou a pesquisa-ação como método de pesquisa, cuja intervenção mostrou que, do processo de criação e preparação dos textos dos alunos até a montagem para publicação, houve autonomia dos alunos, como leitores socialmente engajados. O embasamento teórico para realização da pesquisa passa por Possenti (2002); Simões (2012); Geraldi (2011); Candido (2011); Cosson (2014); Magalhães (2014) e Rojo (2012).

Na terceira pesquisa mapeada – *A contribuição do gênero conto para a formação do leitor nas séries iniciais do Ensino Fundamental* – buscou-se investigar, por meio de uma pesquisa-ação, se o gênero conto contribui (ou não) no processo de formação de leitores no ensino fundamental. Baseada no ensino interacional de leitura, Oliveira (2018) opõe-se ao conceito tradicional de ensino de leitura que se baseia fundamentalmente no estudo gramatical do texto. A pesquisa parte do pressuposto de que a abordagem interacional do texto contribui com a formação de leitores em letramento e letramento literário. Os principais teóricos utilizados na pesquisa são Bakhtin (2003, 2004, 2006), Coelho (1981), Zilberman (1988a, 1988b, 2008, 2009); Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004); Gotlib (2006); Street (2014); Cosson (2006); Candido (2011); Paulino (1998, 2001); Luiz e Ferro (2011); Marcuschi (2011) e Rocha (2011).

A autora elucida que a literatura é o meio indispensável para a formação do leitor reflexivo. Segundo Oliveira (2018, p. 42), “[...] temos na literatura e, em especial nos contos, uma excelente oportunidade de trabalhar a linguagem e a formação do leitor reflexivo numa perspectiva interacional, em que se promova a humanização do sujeito, bem como a formação estética literária [...]”.

Na quarta pesquisa encontrada – *A Formação de Leitores Literários na Perspectiva Histórico Cultural: Leituras em uma Escola Pública de Rio Verde-GO* –, Rodrigues (2018) parte do questionamento se o professor no planejamento e na mediação das atividades envolvendo a leitura literária no processo de alfabetização e letramento, considera a literatura como aporte cultural e o leitor como um sujeito histórico-cultural, propondo investigar o ensino de leitura na turma do 1º ano do ensino fundamental, no intuito de identificar aspectos facilitadores e aspectos dificultadores desse processo.

À vista disso, Rodrigues (2018, p. 108) posiciona-se: “Quanto à consideração da literatura como aporte cultural, notamos que ainda há a necessidade de o professor reconhecê-la como um elemento essencial para a construção do sujeito humanizado e não apenas para o uso com fins linguísticos, morais ou conceituais”.

Como método, fez-se uso da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Sobre

o suporte teórico utilizado na pesquisa, destacam-se autores como Vygotsky (1988, 1991, 1998, 2003 e 2007); Bakhtin (2006) no que trata do aprendizado da criança e aquisição e funções da linguagem; Colomer (2007), Zilberman (2007); Rojo (2009); Soares (2001) nos conceitos de alfabetização, letramento e literatura; Candido (2004) e Todorov (2009), para análise da literatura como fonte de humanização, além de Tardif (2002), Saviani (2009), Freire (2015) e Alarcão (2003).

Os autores enfatizam, além da formação integral proporcionada pela literatura capaz de libertar e humanizar os indivíduos por meio da poesia, as condições de letramento, especialmente no que se refere à mediação como fator fundamental desse processo. Silva (2018) reforça o fato de a educação ser uma incumbência não só do Estado e da escola, como também da família. Essa assertiva provoca muitas inquietações, já que a escola é para muitos alunos o único lugar de contato mais sistematizado com a leitura literária, o que envolve as contradições anteriormente discutidas em relação ao tema da leitura em um país com o índice de desigualdade tão acentuado como o Brasil.

O Quadro 8, a seguir, apresenta o foco das publicações de 2019.

Quadro 8 - Foco de discussão das pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2019

AUTORES	TÍTULO	FOCO(S) DA(S) DISCUSSÃO (ÕES)
Franciele Caroline Pansolim	Letramento Literário no início da escolarização: estímulo à reflexão, humanização e construção de sentidos	Investigar as contribuições das práticas de letramento literário aplicadas no ambiente escolar no que se refere à formação de leitores críticos e humanizados numa turma de 1º ano do ensino fundamental I, da Rede Pública de Ensino de Curitiba
Lídia Maria da Silva Freire	Aguçando mecanismos de compreensão leitora a partir de práticas de leitura de contos escolhidos	Suprir a carência de leitura significativa dos alunos tendo em vista que o ambiente escolar é onde eles têm contato com a leitura literária. Sendo o contato com a literatura o meio indispensável de formação humanizada para a cidadania, cabe à escola desenvolver práticas pautadas no letramento literário para que isso se consolide.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

Na primeira pesquisa publicada em 2019, *Letramento Literário no início da escolarização: estímulo à reflexão, humanização e construção de sentidos*, Pansolim explana as contribuições das práticas de letramento em uma turma de primeiro ano, em especial no que se refere à formação de leitores críticos e humanizados.

Fez-se um paralelo entre leitura, letramento literário e humanização, como se vê na reflexão de Pansolim (2019):

Dessa forma, a experiência estética, o aprimoramento da humanização e o gosto pela leitura são consequências naturais do processo do letramento literário, que também auxilia na ampliação da visão de mundo da comunidade escolar, tornando-a mais crítica diante dos acontecimentos (PANSOLIM, 2019, p. 18).

A pesquisa mostrou-se relevante, inclusive para os professores, no que tange à importância da busca por metodologias de ensino que possam viabilizar as aulas de leitura e, conseqüentemente, a formação dos alunos. A pesquisa trata de uma abordagem qualitativa de natureza etnográfica, cuja intervenção se deu no planejamento e na aplicação de uma sequência de leituras de obras literárias.

A autora enfatiza no texto o letramento literário como meio indispensável na formação de leitores literários crítico e reflexivos. Após a pesquisa, a pesquisadora concluiu que mesmo sendo alunos do primeiro ano do ensino fundamental com faixa etária de 5 e 6 anos, os leitores mostraram-se capazes de construir significado ao texto, expressando emoções e compartilhando-as com os colegas (PANSOLIM, 2019).

Um detalhe interessante nessa pesquisa é, sem dúvida, a faixa etária dos alunos que foram submetidos às práticas pedagógicas de letramento literário. Fica evidente que as práticas de letramento independem da idade dos leitores; em outras palavras, qualquer pessoa é capaz de imergir em um ambiente de letramento. Tendo em vista as dificuldades de uma amostragem para conceituar e medir o letramento, o mediador deve encará-lo não como um produto, mas como um processo que atravessa a vida do leitor.

Como base teórica, a pesquisa utilizou-se de Cosson (2016a), a partir de sua sequência básica e das estratégias de leitura de Giroto e Souza (2010). Sobre a importância da leitura literária no ambiente escolar como prática social e um meio para a humanização dos estudantes, fundamentou-se em Candido (1995), Colomer (2007) e Chambers (2008).

Aguçando Mecanismos de Compreensão Leitora a Partir de Práticas de Leitura de Contos Escolhidos intitula a segunda produção de 2019 mapeada, e esta trata primordialmente do papel da escola como lugar de formação crítica e reflexiva dos leitores. A autora vê na prática de letramento na abordagem do texto literário como meio de superar a formação tecnicista a qual os alunos são comumente submetidos, o que descaracteriza o ensino de literatura. (FREIRE, 2019)

Além da base teórica pautada em Rildo Cosson (2016), Koch e Elias (2007) e Kleiman

(2012), Kato (2007), Solé (1998) e Dolz e Scheneuwly (2004), a autora teve-se também aos descritores presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para que os alunos possam alcançar os vários níveis do texto. Freire (2019) propõe pensar que as práticas de letramento potencializam não só a aquisição de conhecimento novo, pois podem desenvolver conhecimentos já concebidos. A pesquisadora defende inclusive que os alunos já são indivíduos críticos, independentemente da idade ou do nível de leitura, cabendo à escola pensar em estratégias que os familiarizem com o gênero literário.

Essa apuração feita pela autora faz pensar que não só o aluno, mas também o professor, carrega uma “bagagem” consigo, inclusive, o fato de ser tomado pela forma como ele também foi ensinado na educação básica. Daí a necessidade de o professor estar apto a abandonar práticas que já não se mostram tão eficazes principalmente quando se trata da abordagem crítica do texto literário.

O quadro a seguir apresenta o foco das publicações de 2020.

Quadro 9 - Foco de discussão das pesquisas publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações em 2020

AUTORES	TÍTULO	FOCO(S) DA(S) DISCUSSÃO (ÕES)
Gabriel Castilho Maia	Poesia em sala de aula: caminhos para o trabalho com poemas no Ensino Fundamental	Investigar como se realiza a leitura literária no 9º ano do Ensino Fundamental na rede pública do Estado de São Paulo. De modo mais específico, a pesquisa se concentrou em identificar a ocorrência e os objetivos das propostas de leitura de poemas presentes no material didático de língua portuguesa produzido pelo Estado e distribuído a todos os alunos das escolas públicas de São Paulo.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

Ao analisar a produção *Poesia em sala de aula: caminhos para o trabalho com poemas no Ensino Fundamental*, publicada no ano de 2020, nota-se que o autor se propôs a discutir sobre os métodos e os objetivos das orientações de leitura de poemas relacionados ao material didático de língua portuguesa produzido pelo Estado de São Paulo. O autor sugere um diálogo pertinente a respeito das teorias tradicionais, críticas e pós-críticas de currículo. Em sua análise, abordar o currículo se deve à sua relevância no ensino de leitura literária. Sobre a importância do currículo, Maia (2020, p. 47) pontua:

Sozinhas, a literatura ou a leitura literária não podem transformar a sociedade. Todavia, considera-se que o texto literário, por sua natureza complexa, pode fornecer aos estudantes das escolas públicas condições mais sólidas de se colocar no mundo de forma crítica e consciente.

Tratando do letramento como potencializador dos meios de humanização que o homem dispõe, ao analisar um soneto de Camões, o autor (2020) reforça:

Numa abordagem puramente tecnicista do soneto de Camões, deixa-se de lado, completamente, aquilo que ele pode oferecer de melhor na formação do sujeito leitor: a identificação com aquilo que constitui o humano, suas contradições e angústias diante da própria existência. Assim, a comunhão com a humanidade, por meio da poesia, não é oferecida ao estudante, ignorando a contribuição que um poema como esse pode dar à formação, à humanização e à sensibilização do adolescente (MAIA, 2020, p. 103).

Isso posto, a pesquisa constatou que a leitura dos poemas (quando feita) ocorre de maneira meramente formal, limitando-se a uma leitura superficial do texto, e que pouco estimula o seu potencial de transformação e humanização. O método de pesquisa aplicado utiliza-se da metodologia de análise de conteúdo. Sobre o aporte teórico destacam-se autores como: Tadeu (2011); Cereja e Magalhães (2015); Lüdke e André (1986); Candido (2011); Rouxel (2013) e Langlade (2013).

4.4 Reflexões sobre as pesquisas

Após descrevermos e analisarmos alguns pontos nas pesquisas mapeadas e elencadas aqui – encontradas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – faz-se salutar elencar as teses e as antíteses por elas apresentadas. A título de síntese, apresentamos o levantamento no quadro a seguir:

Quadro 10 - Foco das discussões sobre teses e antíteses relacionadas ao letramento literário como meio de humanizar

AUTORES	TÍTULO	EXCERTOS RETIRADOS DAS PRODUÇÕES
Kalina Lígia Pereira Soares	Da Leitura do Espaço ao Espaço da Leitura: um estudo sobre a cama de Lygia Bojunga Nunes	Nas duas perspectivas, percebe-se, como afirma o autor, uma decadência do ensino da literatura, uma vez que ela está perdendo sua função essencial que é construir e reconstruir a palavra que nos humaniza.

		(2008, p. 43).
Almir Cesar Teixeira Filho	Manhecença: despertando para a literatura através dos poemas de Jorge Fernandes	Essa semente plantada pode também mudar a prática em sala de aula do professor de Língua Portuguesa, humanizando-a e tornando-a mais aberta e sensível às contradições do mundo e da sociedade, pois a literatura é ferramenta essencial para confirmar o homem na sua humanidade (2015, p. 57).
Elaine Cristina Camara de Azevedo Maia	Letramento literário no Sétimo ano - O besouro Carirá e a história do morango gigante, de Ricardo Daunt: convergências entre a tradição e o moderno	Acreditamos que muito pode ser somado ao se introduzir na sala de aula o texto literário, porque a literatura promove as relações humanizadoras que reforçam a educação cultural do alunado e contribui na formação de sua cidadania (2015, p. 11).
Danielle Bin dos Reis	O (re)significado da leitura de contos para jovens e adultos privados de liberdade	escolhi “olhar” a literatura sob seu aspecto humanizante, para proporcionar, justamente para essas pessoas, apartadas da sociedade temporariamente, um momento de reflexão sobre a vida. (2015, p. 13-14)
Mariele Gabrielli	Ensino de literatura: da Paideia ao paradigma sistêmico.	Espero que esta dissertação possa contribuir para pensar o ensino de Literatura inserido numa proposta sistêmica de ciência e de educação, sustentada pela formação do leitor literário, que se humaniza a partir de suas experiências de leitura (2016, p. 16).
Márcia Ferreira Lisboa	O diário de leituras no ensino fundamental: um incentivo ao letramento literário	A indignação dos leitores no conto Crianças à venda e a sensibilização causada pelo sofrimento da personagem Denise em O fruto da figueira velha, por exemplo, corroboram para uma humanização social, um processo fundamental para a construção de uma sociedade que se quer mais livre, justa e solidária (2016, p. 99).
Gislaine Valéria	Letramento literário: uma	A prática da leitura é, sem

Rodrigues	perspectiva de humanização da literatura no espaço prisional	dúvida, um princípio de cidadania, e a leitura do texto literário, em especial, torna o leitor cidadão mais consciente, uma vez que a literatura é a arte de humanizar o homem e a sociedade (2017, p. 23)
Fernanda Nayara da Silva Mendonça	Letramento literário: crônicas e contos como instrumentos de humanização do leitor	Ter um conceito amplo sobre literatura faz dos atores envolvidos no processo, seres criativos e passíveis a mudanças, ou seja, garantem sua humanização (2017, p. 56)
Lídia Silva Rodrigues	A formação de leitores literários na perspectiva histórico cultural: leituras em uma escola pública de Rio Verde-GO	Concluimos que uma função não sobrepõe a outra, ou seja, a literatura pode e deve ser utilizada como um recurso pedagógico de ensino, entretanto é imprescindível que a leitura literária seja apresentada como forma de prazer despertando nos alunos sentimentos essenciais para a formação de sujeitos humanizados (2018, p. 111).
Juliana Silva Alves Oliveira	A contribuição do gênero conto para a formação do leitor nas séries iniciais do ensino fundamental	A alfabetização, por ser o contexto da turma pesquisada, que está aprendendo o código linguístico; o letramento, por ser a promoção da linguagem, que cria sentido para as práticas sociais dos sujeitos; e o letramento literário, por ser considerado a construção dos sentidos que possibilitam a humanização dos sujeitos (2018, p. 8).
Daniela Reischak Pereira	Fanzine na aula de literatura: uma proposta pedagógica de incentivo à leitura e produção textual	Ao mesmo tempo em que se reconhece o poder humanizador da literatura, é preciso entendê-la como resultado de um processo que é muito maior do que a organização de palavras em códigos. Uma determinada leitura assume um impacto maior na medida em que se entende o arranjo especial a ela conferida pelo autor ou autores e as propostas de sentido ali contidas (2018, p. 32).

Nilson Alfredo da Silva	Confeitaria poética: uma proposta de fortalecimento das agências escola e família	Acrescentamos ainda que as criações às quais o autor se refere suprem a necessidade cognitiva de ficção e fantasia do ser humano que reelabora a realidade humana vivida em sociedade por meio de representações (2018, p. 24).
Franciele Caroline Pansolim	Letramento literário no início da escolarização: estímulo à reflexão, humanização e construção de sentidos	A leitura nos faz conhecer e entender, sonhar e imaginar por meio do prazer e da curiosidade. O letramento literário no ensino fundamental revela a construção do exercício da cidadania, o que é fundamental para o desenvolvimento humano (2019, p. 60).
Lídia Maria da Silva Freira	Aguçando mecanismos de compreensão leitora a partir de práticas de leitura de contos escolhidos	Observadas durante as aulas de Língua Portuguesa, faz-se primordial o desenvolvimento de estratégias interventivas ante esse quadro. Como é geralmente no ambiente escolar que os discentes têm contato com esse tipo de leitura importante para a formação da consciência crítica e cidadã dos mesmos, bem como à humanização da sociedade frente ao tecnicismo pós-moderno (2019, p. 6).
Gabriel Castilho Maia	Poesia em sala de aula: caminhos para o trabalho com poemas no ensino fundamental	Assim, a comunhão com a humanidade, por meio da poesia, não é oferecida ao estudante, ignorando a contribuição que um poema como esse pode dar à formação, à humanização e à sensibilização do adolescente (2020, p. 103).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador para mapeamento das pesquisas selecionadas (2022).

Após esse levantamento, há ainda a necessidade de conferir em que ponto as ideias dos autores se coadunam e/ou divergem. Os resultados do mapeamento das pesquisas mostram pontos convergentes na visão dos pesquisadores, dentre os quais se destaca a recorrente preferência pela visão de ensino de leitura literária voltado para uma crítica social, desmistificando a perspectiva de ensino de leitura como atividade contemplativa, de puro deleite. Tal visão, não por acaso, justifica a apropriação da percepção de literatura e

humanização em Candido, e de letramento em Rildo Cosson, como escolha de fundamentação teórica mais utilizada nas dissertações mapeadas.

A presença expressiva de fundamentação teórica voltada para as práticas de letramento crítico evidencia o foco das dissertações no leitor, mais especificamente na sua formação sociocultural, como formação que vai além do texto, porém pelo texto. É discutir o que se lê como sendo determinado pelo contexto de onde se lê.

Outro ponto para o qual as dissertações se convergem diz respeito ao avanço do pensamento educacional quanto às rupturas em relação aos paradigmas educacionais, e como isso contribui com a reflexão sobre as novas formas de abordar o texto literário. Levando em consideração o olhar dos pesquisadores, evidenciado no Quadro 10, as práticas de ensino de leitura que promovem a desconstrução do leitor, levada a cabo pela leitura do texto “vivo”, estão intimamente atreladas a mudanças que têm a ver com evolução do pensamento educacional, a título de exemplo, analisando os excertos do quadro supracitado, a preferência dos autores pelo modelo de pensamento sistêmico na educação, que se trata da abordagem do texto em sua complexidade, da leitura como meio transversal, capaz de unir vários saberes, assim como suas implicações.

Daí o caráter indissociável da abordagem do texto pelo viés do letramento e a formação que implique na indissociabilidade entre texto literário e mundo. Mesmo não havendo um conceito estanque e engessado que a determine, o que se deve também ao fato de o letramento literário ganhar um *status* de experiência a ser realizada, esse não se limita, por exemplo, ao consumo trivial e cotidiano de informações, nesse caso, como uma cartilha de ensino do texto a ser seguida.

Embora se pressuponham divergências conceituais entre os pesquisadores, em contrapartida, são, por outro lado, meios de se trabalhar com o texto e que ainda assim compõem as práticas de letramento. Os diferentes contextos possíveis de aplicabilidade das práticas de letramento, orientado pelo mapeamento feito sobre as pesquisas da área que propunham as práticas de letramento fora do espaço físico da escola, sinalizam que os pesquisadores consideram a “escolarização da leitura” (tratada em algumas das produções) como passível de transgredir o espaço escolar.

Um ponto que chama atenção tratando das produções mapeadas não é se a literatura deve ou não ser escolarizada (dar ao texto uma “função” dentro do currículo), mas pensar como essas práticas devem ser concebidas de modo que não diminua o seu papel a mera descrição histórica ou fruição estética, como se a prática de leitura não necessitasse de uma sistematização que garanta, inclusive, sua experiência de humanização.

A análise feita sobre as produções que tratam o tema “leitura humanização e letramento literário” mostrou outros pontos em comum entre os autores, como, por exemplo, a afirmação por grande parte deles quando se refere à importância do letramento literário para uma evolução – enquanto possibilidade – do sistema educacional no Brasil, tal qual a mudança de paradigmas inerentes a ele.

Outro destaque é a ênfase dada por boa parte dos autores em relação à importância da contextualização das obras trabalhadas em sala, passando a se destacar a abordagem utilizada no momento das aulas de leitura como fator determinante para que se possibilite a interação entre leitor, obra e seu contexto social.

A respeito do aporte teórico utilizado nas pesquisas, observou-se que entre os teóricos mais utilizados pelos pesquisadores ao falar de leitura, leitura literária e letramento destacam-se os autores Mikhail Bakhtin, Antonio Candido e Rildo Cosson. Essa recorrência aponta que ao se trabalhar o tema leitura, letramento literário e humanização no ensino de leitura literária, essa leitura deva partir de uma leitura dialógica, compartilhada entre os envolvidos, em detrimento da leitura solitária e meramente formal da obra.

Outro ponto que cabe menção é o fato de 8 das 15 produções de pós-graduação optarem pela metodologia de pesquisa do tipo pesquisa-ação. Isso indica que as pesquisas que tratam do tema “letramento” implicam uma interação entre pesquisador e pesquisado, tendo como resultado uma intervenção que possa solucionar um problema devidamente identificado.

Vê-se que dentre as discussões, que tratam do campo da leitura e letramento, é dispensável discutir a validade e prestígio que a prática de letramento ostenta no que trata, principalmente, da formação emancipada e humana do leitor de literatura.

O que está em jogo nas produções sistematizadas na seção anterior é a forma como as práticas de letramento são vistas e concebidas no ambiente escolar. Tratando-se da literatura reduzida ao absurdo, Todorov (2009) aduz que:

Os estudos literários têm como objetivo primeiro o de nos fazer conhecer os instrumentos dos quais se servem. Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos (TODOROV, 2009, p. 26-27).

É considerável que as práticas de ensino de leitura, se contempladas levemente, concorrem mais para a descaracterização do que para a escolarização da leitura literária. A discussão não se limita ao fato das pessoas lerem ou não lerem, mas também, como estão lendo.

Cabe desenvolver uma imersão do aluno na cultura do escrito, pois é considerável a

assertiva que trata a leitura como meio de aprendizagem de todas as disciplinas escolares, o que dá à linguagem o *status* de elemento transdisciplinar do/para o conhecimento. O letramento literário promove a interação entre os envolvidos no processo de ensino de leitura, e é nessa interação dialógica que o leitor passa a desenvolver hábitos que podem mudar sua vida tanto individual quanto socialmente.

Dentre outras questões, os pesquisadores foram unânimes no que trata da escola como ambiente fundamental para que se alcance o letramento dos leitores, o que ressalta o papel do professor mediador como “uma ponte” entre aluno e obra literária.

Cabe à escola proporcionar um ambiente favorável para que o leitor possa articular os conhecimentos linguísticos aos seus conhecimentos sociais. Estabelecer uma relação entre a ficção e o real é um atributo próprio do texto literário. Caso contrário, o ensino de leitura não passa de uma historiografia da obra ou fragmento utilizado no estudo da variante formal da língua. Numa linguagem metafórica, considerar o indivíduo letrado literariamente é como proporcionar uma “travessia”, pois a leitura, lume do letramento literário, tem como propósito proporcionar uma formação que vá além da formação acadêmica, melhor dizendo, a formação social, humanizada.

Essa dissertação investiga em que medida a leitura do texto literário – concebido como linguagem artística – irrompe com padrões homogeneizadores, atuando como a expressão do que afeta o ser humano na sua relação com o mundo. Isso porque a arte dá forma aos problemas existenciais próprios do ser humano que não poderiam ser expressos se não por ela.

É aqui, nesse reflexo existencial, que o leitor enxerga a si próprio e conseqüentemente ao outro, considerando tal processo de autoconhecimento como sendo fruto da projeção de si no outro, resultando na conseqüente humanização dos envolvidos, tendo em vista, é claro, a dialética que envolve essas trocas. O indivíduo só é capaz de se reconhecer como ser atuante no mundo caso esteja em comunhão com o outro.

Sendo assim, a aproximação entre leitura literária e alteridade torna-se fundamental para o diálogo no ambiente escolar ao passo em que acontece a apropriação do sentido do texto literário num contexto interdiscursivo, é inevitável que o leitor passe a fazer comparações relacionadas aos seus costumes, valores e crenças em relação a uma sociedade distinta da sua. É nesse excedente da visão estética que o homem constitui inclusive sua consciência (BAKHTIN, 1992).

A proposta da pesquisa de natureza básica é investigar os desdobramentos oriundos da aplicabilidade da abordagem do Letramento Literário como fio condutor das aulas de literatura. Ao partir da premissa que a abordagem dos textos literários é indissociável dos temas críticos

que os compõem, essa dissertação apresenta uma discussão entre teorias literárias como as do sistema literário de Candido (2017) - obra, autor e público -, em particular o seu modo de enxergar a literatura como um fenômeno transformador, humanizador, vivo, desde sua criação à recepção, endossando ainda essas ideias com as discussões sobre leitura dialógica de Graça Paulino, e suas contribuições sobre letramento literário num diálogo com Cosson e seus escritos que também abordam o tema referente à leitura e letramento.

Cabe uma aproximação dessas visões de leitura ao que se acredita ser o que mais potencializa o texto literário, com vistas ao letramento literário dos leitores e a sua relação no processo de humanização dos indivíduos em sua formação leitora.

Já explicitado anteriormente, apropria-se aqui da literatura e humanização nos termos candidianos que elevam criações poéticas à condição de manifestação universal de todos os homens de todos os tempos, manifestação indispensável de qualquer povo, reiterando que é impossível a um ser humano passar as vinte e quatro horas do dia sem fabular (CANDIDO, 2017). As benesses que amparam o ensino de leitura via letramento literário destacam-se, dentre outras, por avivar as potencialidades da leitura literária tendo em vista sua competência humanizadora. Acrescenta-se a isso que a abordagem crítica do texto escrito se torna requisito determinante para se alcançar a autonomia leitora e humana dos indivíduos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A justificativa da pesquisa aqui apresentada parte da necessidade de problematizar sobre a formação de leitores que tenham como propósito o seu letramento literário, dado que ao se formar um leitor letrado literariamente, a ele é proporcionado a possibilidade de experienciar o mundo ao qual o ele pertence, o que pressupõe uma interpretação do outro e de si (leia-se humanização). É na busca do sentido crítico reflexivo do texto que o leitor encontra o seu próprio sentido como ser humano, e é essa ressignificação de si, percebendo seu “reflexo” através do texto, que dá ao leitor os meios necessários de humanização enquanto ser social e individual paralelamente.

De antemão, esta pesquisa – intitulada *Leitura e humanização: o letramento literário em uma abordagem crítica* – apresenta reflexões sobre a importância da literatura para uma formação humanizadora, trazendo os enfrentamentos quanto ao analfabetismo funcional no Brasil, e algumas concepções e reflexões sobre as questões de leitura, letramento e letramento literário. Após a fundamentação teórica, num segundo momento, foram analisados trabalhos produzidos na área de leitura que tratam a respeito do tema “leitura, letramento literário e humanização”.

A coleta e a análise dos dados foram guiadas pela ótica na qual a prática de letramento literário - conduzida por um professor que conheça os métodos de abordagem da obra -, é vista como o processo que atenda (e transgrida) às demandas da sala de aula. É o meio de contribuição para que se possa fazer das aulas de leitura um momento de reflexão e formação crítica dos envolvidos. Mesmo o aluno sendo o foco das produções, observou-se o papel que o professor/mediador exerce na formação de leitores críticos, capazes de se posicionar de maneira crítica em relação à leitura, reconhecendo-se e estabelecendo relações com e a partir dela.

As discussões feitas defendem que as práticas de letramento reafirmam e dão sentido não só ao texto, como também à prática docente. A literatura é meio pelo qual lemos a nós mesmos e o mundo conseqüentemente, e o encontro comigo mesmo pela palavra. O texto literário afeta o leitor no seu horizonte de expectativa e, conseqüentemente, traz à luz a realidade sobre diferentes pontos de vista, e dessa ótica, as práticas de ensino de leitura que tenham como premissa o letramento literário dos leitores são determinantes na busca de uma possível evolução no ensino de leitura e do sistema educacional no Brasil, de modo geral.

A pesquisa objetivou identificar as percepções dos pesquisadores que se propuseram a investigar sobre leitura e letramento literário, em quais pontos eles acordam e se divergem em seus apontamentos, fazendo uma avaliação própria dessas discussões com vistas a gerar conhecimento novo sobre o assunto.

Ao tentar responder a pergunta de pesquisa que trata das contribuições da abordagem crítica do texto literário, sobretudo a maximização do sentido mais humanizado que é próprio

da literatura, as análises demonstram um movimento que tende a promoção e adoção de teorias como os preceitos de letramento literário, o que pode estar relacionado ao fato de serem teorias relativamente recentes.

Ao tratar das soluções adotadas na pesquisa, defendeu-se o emprego de práticas de leitura baseadas em estratégias em torno do texto literário, de modo a proporcionar ao aluno o contato aprofundado e constante com o texto, tendo em vista que essa construção de sentidos não se esgota, configurando-se um dos pressupostos do letramento literário.

Pautando-se nas pesquisas analisadas, defende-se a escola como o local onde a literatura é melhor explorada, tanto no que se refere à abordagem pedagógica quanto na constância no contato com o texto, aspecto indispensável no processo de letramento literário, pois não se descarta os esforços e as ações das escolas, e de maneira mais específica dos professores de literatura em relação ao seu ensino.

Sobre o problema de pesquisa, procura de analisar como se deu a evolução do pensamento educacional em relação à leitura, principalmente as mudanças de paradigmas de ensino, bem como esses processos se articulam no ensino de leitura literária, enfatizando a recorrência de autores como Mikhail Bakhtin, Candido para tratar da leitura significativa do texto literário, que promovida pelo professor, privilegia o ensino do texto enquanto construção de conhecimento significativo e dialógico, e que se constrói na afirmação do ensino do texto enquanto evento indissociável do seu ambiente sócio-histórico, rompendo com o ensino tradicional, fragmentado e isolado de literatura.

Ao trazer Bakhtin para pautar as discussões relacionadas à leitura, evidencia-se a intenção de romper com paradigmas de leitura tradicionais, o que justifica o fato de 8 das 15 produções se utilizarem da pesquisa-ação (método dialógico de atuação no ambiente escolar) como meio de análise que conseqüentemente pudesse contribuir para a práxis do ensino do texto literário. Os argumentos assinalam a valorização da apropriação da linguagem pautada na interação entre texto, leitor e os elementos sócio-históricos que o constitui, em detrimento do modelo cronológico de abordagem do texto.

Observou-se que a urgência de novos meios de abordagem do texto literário tem suas raízes nos processos tecnicistas emergenciais que povoam o ensino, nessas tendências que priorizavam o ensino de leitura para ser avaliada pelo professor, e não como uma manifestação essencial dos indivíduos de todos os tempos e lugares.

Ao decorrer da pesquisa, destacou-se que o tema relacionado ao letramento literário que envolve a leitura literária está intrinsecamente envolto de questões sócio político-econômicas. A título de exemplo, destaca-se o trato a respeito do ensino de literatura nas escolas, a falta de investimentos necessários dos órgãos competentes, a abordagem muitas vezes tão tecnicista do texto, e a possibilidade de trabalhar o texto literário como meio de denúncia, ao discorrer sobre seu papel prático de impor discursos morais, religiosos, sexistas de sua época, e servindo, em boa medida, a interesses particulares e classistas.

Tendo em vista essas e outras nuances envolvendo o ensino de leitura literária no ambiente escolar, cabe ao professor (letrado), utilizando-se de estratégias pedagógicas pré-estabelecidas, proporcionar ao aluno uma atmosfera problematizadora nas aulas de leitura de textos literários, sendo este um atributo indispensável na busca do letramento literário do leitor. Destacou-se ainda que, a prática de letramento literário vai muito além da leitura fluente do texto, pois é, acima de tudo, uma prática social na qual o leitor se apropria da leitura enquanto construção literária de sentidos e, conseqüentemente, de humanização.

REFERÊNCIA

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- AVERBUCK, Ligia Morrone. A poesia e a escola. *In*: ZILBERMAN, Regina *et al.* **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. de Jaime Ginzburg. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos**: a leitura além do óbvio. Campinas: Mercado das Letras, 2012.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura**: biblioteca e formação [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. Disponível em: http://www.euquerominhabiblioteca.org.br/wpcontent/uploads/2019/04/nolugardaleitura_percivallemesbritto_PDFDIGITAL.pdf. Acesso em: 22 de out. de 2021.
- BUARQUE, Cristovam. **A revolução republicana da educação**: ensino de qualidade para todos. São Paulo: Moderna, 2011.
- CALVINO, Italo. **Os amores difíceis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CANÇADO, Airton Cardoso; PEREIRA, José Roberto; TENÓRIO, Fernando Guilherme. **Gestão social**: epistemologia de um paradigma. Curitiba: CRV, 2015.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para que?** Trad. de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. *In*: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (Org.). **Direitos Humanos e...: medo, AIDS, Anistia Internacional, Estado e literatura**. v. 1. São Paulo: Brasiliense; Comissão Justiça e Paz de São Paulo, 1989. p. 107-126.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.
- CORACINI, Maria José R. Faria. Concepções de Leitura na Pós-Modernidade. *In*: LIMA, Regina Célia de Carvalho Paschoal (Org.). **Leitura**: Múltiplos olhares. Campinas: Mercado das Letras, 2005.
- COSSON, Rildo. A seleção de textos literários em três modos de ler. *In*: Maria Zélia Machado *et al.* (Orgs.). **Escolhas (literárias) em jogo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 35-47.
- COSSON, Rildo. Letramento literário. *In*: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva *et al.*

Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2020.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **A pesquisa sobre leitura no Brasil – 1980-1995.** Campinas: Komedi; Arte escrita, 2001.

FIORIN, José Luiz Fiorin; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto:** Leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Trad. de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Janela sobre a utopia: computador e internet a partir do olhar da abordagem histórico-cultural. *In: 32ª Reunião Anual da Anped, Anais eletrônicos.* Caxambu, 04 a 07 out. 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT16-5857--Int.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2022.

FRIGOTTO, Gaudêncio A. Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas Ciências Sociais. **Ideação**, v. 10, n. 1, p. 41–62, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143>. Acesso em: 10 maio 2022.

GABRIELLI, Mariele. **Ensino de literatura:** da Paideia ao paradigma sistêmico. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1372/Dissertacao%20Mariele%20Gabrielli.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 fev. 2022.

GUEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática de liberdade. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Relatórios INAF 2016.** Disponível em: https://alfabetismofuncional.org.br/wp-content/uploads/2020/03/2015_Relatorio_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) – Resultados Preliminares.** 2018. Disponível em: https://alfabetismofuncional.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Inaf2018_Relato%CC%81rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

KATO, Mary. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

LISBOA, Márcia Ferreira. **O diário de leituras no Ensino Fundamental:** um incentivo ao Letramento Literário. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. 129 f. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8931/2/arquivo%20total.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

MAIA, Elaine Cristina Camara de Azevedo. **Letramento literário no sétimo ano – O besouro Carirá e a História do Morango Gigante**, de Ricardo Daunt: convergências entre a tradição e o moderno. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – Profletras/NAT) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. 100f. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/22859>. Acesso em: 05 fev. 2022.

MAIA, Gabriel Castilho. **Poesia em sala de Aula**: caminhos para o trabalho com poemas no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2020. 162f. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/192528/maia_gmeassis.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 05 fev. 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MENDONÇA, Fernanda Nayara da Silva. **Letramento literário**: crônicas e contos como instrumentos de humanização do leitor. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. 170f. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/26818>. Acesso em: 05 fev. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. de Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUGGÜE, Ernani. **Ensino Médio e educação literária**: propostas de formação de leitores. Tese (Doutorado em Curso de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Letramentos literários em travessias na Linguística Aplicada: ensino transgressor e aprendizagem subjetiva da literatura. *In*: LIMA, Erica. (Org.) **Linguística aplicada na Unicamp**: travessias e perspectivas [livro eletrônico]. Bauru: Canal 6, 2021. p. 65-88.

OLIVEIRA, Juliana Silva Alves. **A contribuição do gênero conto para a formação do leitor nas séries iniciais do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. 148 f. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9280/5/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Juliana%20Silva%20Alves%20Oliveira%20-%202018.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

PANSOLIM, Franciele Caroline. **Letramento literário no início da escolarização**: estímulo à reflexão, humanização e construção de sentidos. Programa de Pós Graduação em Educação. Curitiba-PR: Universidade Federal do Paraná. 2019. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/signa/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=70101&idprograma=40001016080P7&anobase=2019&idtc=45>. Acesso em: 05 fev. 2022.

PAULINO, Graça. O mercado, o Ensino e o tempo: o que se aprende com a literatura que se vende? *In*: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy Alves; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; VERSIANI, Zélia (Org.). **Literatura**: saberes em movimento. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007. p. 145-153.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Org). **Escola e leitura**: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. p. 61-77.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada (in)disciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PEREIRA, Daniela Reischak. **Fanzine na aula de literatura**: uma proposta pedagógica de incentivo à leitura e produção textual. 182 p. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Línguas) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2018. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riiu/3750>. Acesso em: 05 fev. 2022.

PESSOA, Rosane Rocha; URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio de. Ensino crítico de línguas estrangeiras. *In*: FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de (Org.). **Formação de professores de línguas estrangeiras**: princípios e práticas. Goiânia: Editora UFG, 2012. p. 57-80.

REIS, Danielle Bin dos. **O (re)significado da leitura para jovens e adultos privados de liberdade**. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Letramentos) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/940/1/danielle_%20reis.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodoro As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em: 10 de jan. de 2022.

ROONEY, Caroline. The other of the confession: women of Zimbabwe. *In*: **Decolonising Gender**: literature and a poetics of the real. London: Routledge, 2007.

RODRIGUES, Gislaine Valéria. **Letramento literário**: uma perspectiva de humanização da literatura no espaço prisional. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras Profletras) – Universidade Estadual de Maringá. 2017. 157f. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4340/1/000226826.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

RODRIGUES, Lídia Silva. **A formação de leitores literários na perspectiva histórico cultural**: leituras em uma escola pública de Rio Verde-GO. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. 170 f. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8662/5/Disserta%20c3%a7c3%a3o%20-%20L%20c3%addia%20Silva%20Rodrigues%20-%202018.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

SILVA, Nilson Alfredo da. **Confeitaria poética**: uma proposta de fortalecimento das agências escola e família. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. 135p. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/27506/1/Confeitariapo%20c3%a9ticaproposta_Silva_2019.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

SOARES, Kalina Lígia Pereira. **Da leitura do espaço ao espaço da leitura**: um estudo sobre A cama de Lygia Bojunga Nunes. 269f. 2008. (Dissertação de Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2008. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/2567?show=full>. Acesso em: 05 fev. 2022.

SILVA, Débora Cristina S.; IGNÁCIO, Ewerton de Freitas; ADÃO, Jorge Manoel. **Pesquisa e formação docente na sociedade do conhecimento**: perspectivas e desafios. Goiânia: Editora Universidade Estadual de Goiás, 2014.

SILVA, Elizabeth Maria da; ARAÚJO, Denise Lino de. Letramento: um fenômeno plural. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v. 12, n. 4, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/JJTX8pvfJsFLdXb8QNYBBcR/?lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2022.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TEIXEIRA FILHO, Almir César. **Manheçença**: despertando para a literatura através dos poemas de Jorge Fernandes. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras/NAT) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. 111f. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22800/1/AlmirCesarTeixeiraFilho_DISSERT.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

ZUCKI, Renata. **Letramento literário**: práticas de leitura do texto literário nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015. 160f. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/932/1/REN_ATA.pdf. Acesso em: 05 fev. 2022.

STREET, Brian Vincent. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, n. 65, p. 149–166, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n65/0104-4060-er-65-00149.pdf>. Acesso em: 5 de maio de 2021.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Teoria e Prática da Educação**, v. 11, n. 1, p. 49-60, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22217964-Modelos-de-letramento-literario-e-ensino-da-literatura-problemas-e-perspectivas.html>. Acesso em: 19 mar. 2022.

ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 3. ed. Mercado Aberto, 1984.

ZILBERMAN, Regina. A leitura e a leitura da literatura. *In*: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania Mariza Kuchenbecker (Orgs.). **Escola e leitura**: velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 2. ed. São Paulo: Global, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

ZILBERMAN, Regina; THEODORO, Ezequiel. Leitura: por que a interdisciplinaridade? *In*: ZILBERMAN, Regina; THEODORO, Ezequiel (Orgs.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 5. ed. São Paulo: Ática, 1992.